



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 30/07/2021

BRASIL	2
Cepea: precios firmes a lo largo del mes de julio	2
Estiman impacto de las heladas	2
Prevén mayor consumo de carnes por mejora en Covid-19	2
ABIEC: cadena de la carne tuvo un giro de R\$ 747.000 millones en 2020.....	3
Modifican norma sobre rotulado de productos de origen animal	4
URUGUAY	4
Mercado ganadero refleja la situación del exterior.....	4
El novillo gordo en su mayor valor histórico	4
Cepo a la carne en Argentina hace ganar exportaciones a Uruguay	5
Crecerá la oferta de ganados terminados en corrales.....	6
Importadores chinos plantean menores precios por la carne vacuna	6
Innovar cajas negras es la meta del INAC.....	7
Prohibir Estradiol “es arbitrario y va contra el comercio”.....	8
INAC comenzó una nueva promoción de la carne uruguaya en JAPÓN	9
Crearon el Fondo Sectorial de la Carne: trazabilidad industrial primer desafío	9
PARAGUAY	10
Precio del ganado gordo continúa con tendencia alcista: negocios superan los US\$ 3,60	10
Dan pasos en el proyecto de dejar de vacunar contra la fiebre aftosa	10
Se dificulta navegabilidad de ríos, suben los fletes para carne y soja	11
UNION EUROPEA	11
Informe de situación sobre el Plan “One Health “contra la resistencia a los antimicrobianos	11
REINO UNIDO estudio demuestra que un impuesto al consumo de carne costaría 283 millones de euros	12
ESTADOS UNIDOS	12
EE.UU. se beneficia de la caída de las exportaciones australianas y argentinas de carne vacuna a China.....	12
USDA existencias de ganado bovino se redujeron 1%.....	13
Empeora la calidad de la oferta ganadera	14
Nueva Audiencia en el Senado para analizar la competitividad en la cadena de Ganado bovino	15
<i>Senador Grassley: ganaderos enfrentan una situación desleal</i>	16
<i>Representantes de 2 de los 4 Grandes testimoniaron</i>	17
<i>US Farm Bureau agradeció la iniciativa</i>	18
USDA indemnizará a productores que sacrificaron animales y a establecimientos que debieron cerrar por COVID	18
AUSTRALIA	18
Precios del Ganado bovino al tope en el ranking mundial.....	18
PROyecciones para la próxima primavera: positivas aunque con sobresaltos	19
Mejoran los márgenes pero todavía “en rojo”	20
MLA dispone de un presupuesto de 1.52 AUS\$ para explorar nuevos mercados	21
VARIOS	21
CHILE: fuerte crecimiento de importaciones cárnicas en el primer semestre.....	21
INDIA respondió denuncia de CAMBOYA sobre carne infectada de COVID-19	21
REPÚBLICA DOMINICANA confirman la detección de peste porcina africana	22
EMPRESARIAS	22
Marfrig adopta blockchain para garantizar que no compra ganado vacuno de áreas deforestadas.....	22
Marfrig afirmó que prevén una expansión en PARAGUAY	23
Carrefour trazabilidad desde el nacimiento	24



BRASIL

Cepea: precios firmes a lo largo del mes de julio

Cepea, 29/07/2021 – As cotações da arroba do boi gordo estão firmes neste mês, segundo indicam dados do Cepea. O Indicador CEPEA/B3 (à vista – mercado paulista) fechou a R\$ 316,85 nessa quarta-feira, 27, leve baixa de 0,52% na parcial de julho (até o dia 27). No geral, de acordo com pesquisadores do Cepea, os preços da arroba do boi gordo seguem firmes, sustentados pela baixa oferta de animais para abate – reforçada agora pela entressafra – e pelas exportações aquecidas. Ressalta-se que pecuaristas também vêm tentando repassar nos preços de venda do animal os elevados custos de produção, especialmente os relacionados aos animais de reposição e à alimentação, que representam a maior parte dos gastos da atividade. Fonte: Cepea

Estiman impacto de las heladas

Cepea, 27/07/2021 – Após as geadas registradas em grande parte do Brasil nas últimas semanas, pesquisadores do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, avaliam no texto a seguir os possíveis impactos causados pelas baixas temperaturas. Confira:

BOI: Como o período atual já é de confinamento (entre maio e dezembro, aproximadamente), visto que o inverno afeta a produção de pastagem, o impacto das baixas temperaturas e de possíveis geadas na produção de boi gordo é na alimentação. No confinamento, o custo com a alimentação é alto, mas, em dias de geada, o animal tradicionalmente come menos, prejudicando o ganho de peso. Assim, a oferta de animais prontos para o abate tende a diminuir.

Prevén mayor consumo de carnes por mejora en Covid-19

27 de julho de 2021

Depois de uma retração no consumo de carne bovina no mercado interno, a instituição financeira holandesa Rabobank projeta que o desempenho do setor apresente uma melhora para o segundo semestre de 2021. Nesta segunda, dia 26, a engenheira agrônoma esaqueana Anna Carolina Fett, analista do Rabobank, falou sobre o assunto.

“A gente tem percebido uma retração no consumo de carne bovina e desde o ano passado, na verdade, em 2020, a gente teve uma retração maior, principalmente pela questão da queda na renda da população. Com essa queda na renda, a gente encontra muitas vezes a substituição da proteína consumida, como a gente já viu antes em outros períodos de restrição da produção pecuária, como em 2014, 2016, por exemplo”, comparou.

De acordo com a analista, ao passo que o mercado interno sofre oscilação significativa, o mercado externo acabou compensando, mas existem variáveis para o setor continuar atento. “Teve um aumento das exportações, principalmente pelo consumo, pela demanda de carne da China. Desde o ano passado essa exportação do Brasil para a China tem se mantido, mas a China tem aumentado as origens de exportação. No começo desse ano, a China autorizou e certificou algumas plantas mais nos EUA e em outros países, mas as exportações no Brasil continuam”, constatou.

Na sequência, Anna apontou a projeção do Rabobank para a retomada do desempenho do consumo interno. “A previsão é que tanto a vacinação quanto o auxílio emergencial suportem um aumento do consumo de carne. Isso acontece porque com o brasileiro voltando a ter uma renda mais estável ou voltando a ter uma rotina de poder fazer seus churrascos, que a gente tanto gosta, a gente consiga ter um escoamento e consumo melhor dessa carne”, confirmou.

A retomada, de acordo com a analista, não será homogênea. “Espera-se que em regiões diferentes (a retomada) siga enquanto a economia for se estabilizando. A gente sabe que muitas regiões foram muito afetadas pela questão do turismo ou então por a vacinação não estar tão avançada, mas espera-se que isso acompanhe a estabilização econômica dessas regiões”, disse.

Anna afirmou que a queda do consumo interno tem relação com a diminuição do poder de compra do brasileiro, e não com uma mudança de hábitos. “Com certeza, não. O Brasil tem a cultura do churrasco e a gente tem muito forte essa ligação com a pecuária e com a proteína, no geral. Não é que o brasileiro parou de comer carne. No momento, teve uma substituição por questão de valores, mas com certeza o consumo de carne bovina logo retorna”, estimou.

“A previsão para 2021 era de um pouco de queda em relação a 2020, mas fica em torno de 96 kg (de carnes) por habitante por ano. Isso é próximo de um pico que a gente teve em 2013. Na verdade, em 2013 a gente teve um pico e a previsão é de 5% menos, esses 96 kg por habitante, quase 97, essa é a previsão”, quantificou.

Para compensar a queda no consumo interno, o país mudou o mix de comercialização, conforme lembrou a agrônoma. “O Brasil continua sendo o maior exportador de carne do mundo. No ano passado foram exportadas mais de dois milhões de toneladas e com a continuação das exportações para a China, a



gente teve uma pequena mudança. Então em 2020 a gente teve 74% (da produção destinados) para o mercado interno e 26% para exportação. Esses foram dados do IBGE no ano passado. Acredita-se que essa proporção siga nessa linha para esse ano”, complementou.

Anna ponderou que o bom desempenho da pecuária de corte depende não só do comportamento do mercado, mas também do próprio pecuarista. “Eu enxergo a intensificação como uma realidade para o pecuarista, sim. Por muito tempo a pecuária foi considerada vilã de consumo de água, de consumo de insumos como milho, terras. [...] Mas isso leva tempo. Depois de tanto tempo como vilã, a pecuária começa a enxergar outras formas, outras estratégias de produção e também de aumentar o lucro. Esse aumento no peso médio da carcaça (4% no primeiro trimestre de 2021) pode ser uma demonstração disso, com a fase do ciclo pecuário que a gente está vivendo agora, muita retenção de fêmeas nas propriedades e, conseqüentemente, menos machos prontos para o gancho, para o abate. Essa estratégia de aumentar um pouquinho o volume de cada animal no gancho pode ser, sim, uma estratégia para intensificação. O produtor pode e deve fazer uso dessas estratégias conforme a sua situação porque se a gente pensar em alguns anos atrás, a gente tinha algumas inovações e tecnologias que mal eram comentadas. Há algum tempo atrás, nem inseminação era considerada rotina e hoje em dia já faz parte do dia a dia de muitas fazendas. Então tudo que o produtor puder usar para tirar uma pequena vantagem para a produção pecuária, eu acredito que vai ser cada vez mais forte”, respaldou.

“A pecuária é apaixonante, o Brasil tem uma história muito grande, muito longa com a pecuária. Então, apesar de a gente estar vivendo em um momento difícil agora, a previsão é de melhora e mais uma vez a gente acredita, batalha, corre atrás e a pecuária vai se recuperar, o mercado de carne vai se recuperar”, concluiu Anna.

ABIEC: cadeia de la carne tuvo un giro de R\$ 747.000 millones en 2020

Fonte: Valor Econômico. 28 de julho de 2021

Puxado por um forte aumento do faturamento da pecuária, o sistema agroindustrial da carne bovina movimentou, das fazendas às gôndolas, R\$ 747,1 bilhões no ano passado, 20,8% mais que em 2019. A estimativa faz parte do Beef Report, divulgado ontem pelo Brazilian Beef, promovido pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) e pela ApexBrasil.

Segundo o trabalho, apenas o faturamento total da pecuária aumentou 40,3% na comparação, para R\$ 178,2 bilhões, impulsionado pela alta dos preços do boi durante o ciclo de baixa da oferta. O Brasil abateu 41,5 milhões de cabeças no ano passado, o que gerou mais de R\$ 144 bilhões.

Os frigoríficos, por sua vez, faturaram R\$ 179 bilhões, dos quais R\$ 44 bilhões vieram das exportações de carne bovina, que cresceram 8% no ano passado. A Abiec lembrou que os embarques totalizaram 2,69 milhões de toneladas, ante 2,49 milhões em 2019. “Esse aumento se deve não apenas ao número de países de destino, que passou de 154 para 157, mas também ao aumento do volume de carne destinada a mercados já consolidados, como a China, cujo volume exportado aumentou 127% entre 2019 e 2020”, realça o Beef Report.

Enquanto isso, a receita com as vendas de carne bovina e subprodutos no varejo totalizou R\$ 204,64 bilhões – R\$ 184,5 bilhões em vendas de carne e R\$ 20,2 bilhões em outros itens. O estudo lembra que 73,9%, ou 7,6 milhões de toneladas de carne bovina, foram comercializadas no mercado doméstico no ano passado.

Já os segmentos de insumos e serviços prestados à pecuária registraram faturamento 18,7% menor no ano passado, de pouco mais de R\$ 60 bilhões. Cerca de R\$ 17 bilhões foram movimentados pela área de nutrição; cerca de R\$ 1 bilhão em protocolos, materiais e sêmen; e R\$ 2,8 bilhões em sanidade animal.

A Abiec destacou, ainda, que como o PIB do Brasil recuou 4,7% em 2020, para R\$ 7,4 trilhões, a representatividade da pecuária de corte na economia do país aumentou de 8,4%, em 2019, para 10% no ano passado. Esse é o maior percentual desde 2010, ano em que começou a análise.

Muito já se discutiu sobre o tamanho real do rebanho brasileiro, e, segundo o Beef Report, o comportamento do mercado desde 2019 mostra que não há como o país abrigar um rebanho de mais de 215 milhões de cabeças de gado em seu território.

“A partir dos dados oficiais do Brasil e de diversos outros estudos conduzidos pela iniciativa privada, cada vez mais se aceita que o rebanho brasileiro esteja mais próximo dos 175 milhões a 180 milhões de cabeças, oscilando até 190 milhões em alguns meses do ano”, diz a publicação.

Para o ano passado, a estimativa de rebanho ficou em 187,6 milhões de cabeças. Mato Grosso continuou a liderar o ranking de Estados com mais bovinos, com 27,4 milhões de animais, ou 14,6% do total. Na sequência aparecem Goiás (10,51%), Minas Gerais (10,5%), Pará (9,67%) e Mato Grosso do Sul (9,08%). Ainda de acordo com o Beef Report, mais da metade dos estabelecimentos que trabalham com a criação de bovinos têm menos de 20 hectares, isso significa 1,2 milhão de propriedades. Outras 1,1 milhão de fazendas têm entre 20 e 200 hectares. Alagoas, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe têm mais propriedades com menos de 20 hectares do que maiores do que isso.



No cenário traçado para 2030, o Beef Report projeta rebanho total de 211,9 milhões de cabeças – mesmo com uma redução da área de pastagens de 165,2 milhões de hectares, em 2020, para 153,5 milhões -, produção de 14 mil toneladas de carne, exportações de 3 mil toneladas e consumo doméstico de 11 mil toneladas (foram 7,7 mil toneladas em 2020)

Modifican norma sobre rotulado de productos de origen animal

29 de julho de 2021

Foi publicado nesta terça (27), pelo Mapa, a Portaria Nº 240, de 23 de julho de 2021 que altera a IN nº 22, de 24 de novembro de 2005 sobre a rotulagem de produto de origem animal embalado.

As alterações principais foram em relação às informações obrigatórias que o rótulo deve apresentar. A IN passou a vigorar com alteração no carimbo de inspeção, no qual antes era específico a obrigatoriedade do carimbo de Inspeção Federal, agora sendo não especificado, passando a valer carimbos oficiais de inspeção.

Passou a valer a possibilidade de rotulagem para produtos isentos de registro no MAPA, sendo obrigatório a indicação da expressão “Produto Isento de Registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento”, além de incluir o CPF nos casos em que couber, o que antes era apenas o CNPJ.

Foram retirados a obrigatoriedade de constar no rótulo as informações de categoria do estabelecimento, de acordo com a classificação oficial quando do registro do mesmo no DIPOA; marca comercial do produto, entre outras.

Também houve alterações nos tópicos de Apresentação da Informação Obrigatória e nos Casos Particulares.

Nos casos de produtos de origem animal com adição de gordura vegetal é requerida a indicação da expressão “CONTÉM GORDURA VEGETAL”, logo abaixo do nome do produto, em caracteres uniformes, tanto no corpo, como na cor das letras, sem intercalação de dizeres ou desenhos e com letras em caixa alta e em negritos.

URUGUAY

Mercado ganadero refleja la situación del exterior

28/07/2021 - Novillo bueno o general cotiza US\$ 4,20 o US\$ 4,15; las mejores vacas valen de US\$ 4 a US\$ 4,10; y las vaquillonas entre US\$ 4,05 y US\$ 4,15

Según Carlos De Freitas, consignatario de ganado, el mercado ganadero actual es el fiel reflejo de lo que pasa en el exterior. “Esto demuestra la demanda y la firmeza que hay en el mercado y la baja circunstancial de algunos competidores. Es un muy buen escenario que semana a semana se refleja en los valores”, dijo.

En diálogo con Rurales El País, De Freitas manifestó que la faena está compuesta por una oferta “menor de lo normal” de ganado terminado; un porcentaje importante que crece de corral, no necesariamente cuota; y otro porcentaje importante de ganado que no estábamos acostumbrados a faenar.

“La gente aprovecha los valores, una relación excelente de gordo reposición. La gente no termina los ganados, es la parte que más demora y más consume de pasturas. Esos tres factores son los que explican una faena a esta altura del año de 55 mil reses”, aseguró.

El Instituto Nacional de Carnes informó que en la semana cerrada el sábado 24 se industrializaron 54.903 vacunos, un 6,08% más que una semana atrás.

Informó también sobre una “presión interesante” por adquirir ganados de buena terminación, lo que hace cotizar de US\$ 4,25 a US\$ 4,35 por kilo, según terminación y el volumen, a los novillos de punta. El ganado bueno o general cotiza US\$ 4,20 o US\$ 4,15. Las mejores vacas valen de US\$ 4 a US\$ 4,10; y las vaquillonas entre US\$ 4,05 y US\$ 4,15.

El novillo gordo en su mayor valor histórico

por Javier Lyonnet julio 28, 2021

El novillo gordo está igualando los mejores valores de 2019, igualando un récord, en un mercado ganadero que sigue muy firme y con un entorno de faena históricamente alta para el mes de julio. Esta semana los mejores ganados superan el máximo histórico de US\$ 4,35 alcanzados a mediados de noviembre de 2019.

“La industria está exportando a buenos valores, en la reunión de consignatarios el cierre de la última semana quedó a US\$ 4.31 pero ya hay negocios de US\$ 4,35 y US\$ 4,40 por novillo gordo especial”, dijo a Ganadería.uy Facundo Schauricht, de Zambrano y Cia.

En la última semana la industria faenó 54.903 vacunos, 6% más que los 51.754 de la semana anterior, según los datos de INAC, y la avidez de los frigoríficos está llevando a que sean faenados animales no tan bien terminados.



Las vacas gordas especiales, que cerraron la semana a US\$ 4,06, alcanzaron en las últimas horas valores de hasta US\$ 4,10 y US\$ 4.15.

El consignatario José Aicardi, director de Megaagro e integrante de Pantalla Uruguay, señaló que en los últimos días se han concretado negocios entre US\$ 4,45 y US\$ 4,50 por novillos especiales en verde bien pesados y de calidad, en negocios de volumen.

Sin embargo, desde algunos sectores comienzan a surgir indicios de que los precios actuales no se sostendrían por mucho tiempo. “Los precios están muy altos y los compradores chinos están preocupados”, expresó un trader consultado en las últimas horas.

En el mismo sentido se expresó ayer el director del Frigorífico Copayán, Fernando González, en Tiempo de Cambio de Radio Rural (ver nota aparte).

Mientras se mantengan altos los volúmenes de faena es difícil establecer un techo a los precios, apuntó Schauricht, subrayando que la demanda es grande por todo tipo de ganado y las entradas están cortas, de 5 a 7 días en promedio.

“Lo que está pasando es que el productor está adelantando la salida del ganado, que aunque no está tan bien terminado, con 20 o 30 kilos menos la ecuación cierra, y se acelera el ciclo”, señaló.

Aicardi mencionó que las mejores vacas estarán esta semana en US\$ 4,15 y US\$ 4,20, bastante por encima del promedio de US\$ 4,06 de la semana anterior, y los novillos faltos en el entorno de US\$ 4,15 (cerraron a US\$ 4,09 en promedio).

“La oferta de reposición es escasa, acorde a la época, y la demanda que tracciona del lado de verdeo está empezando a superar a la oferta con subas en toda la grilla de reposición; si bien el indicador de reposición no se mueve en la relación flaco/ gordo, estamos frente a una suba y a un inminente salto”, expresó Aicardi en Tiempo de Cambio de Radio Rural este miércoles.

Cepo a la carne en Argentina hace ganar exportaciones a Uruguay

por Javier Lyonnet julio 28, 2021

La exportación de carne de Argentina se contrajo 45% entre mayo y junio, reduciéndose en 40.000 toneladas de un mes a otro y quebrando un ciclo de 14% de incremento interanual hasta abril. Las restricciones impuestas por el gobierno parecen haber impactado positivamente en el sector exportador uruguayo, que registra un alza de 21% para el mes.

Con el título “Efecto cepo: en junio las exportaciones de carne en Argentina cayeron 41% mientras que en Uruguay subieron 21%” el diario recogió el análisis de Rosgan de los datos del Indec.

Datos del Indec

Según el informe del Indec, los embarques de carne en junio totalizaron 34.775 toneladas -peso producto que, en su equivalente carcasa, ascienden a 49.000 toneladas- unas 25.000 toneladas menos que lo que el país había exportado el mismo mes de 2020 cuando habían tocado las 60.000 toneladas, 41% menos.

Pero comparando con mayo 2021, las ventas al exterior de junio cayeron 45%, casi 40.000 toneladas menos.

A pesar de las restricciones, China siguió representando el 78% de los embarques del mes, con un volumen que resultó un 47% inferior al registrado en mayo (34.000 toneladas). Sin embargo, las mayores caídas se registraron a países de la región como Chile, con un 49% y Brasil, 54% mientras que, moderados por la habilitación de cuotas, Unión Europea cayó un 44% y Estados Unidos un 10% mensual. Israel fue el único destino en registrar incrementos (44%), aunque con un aporte adicional de apenas unas 500 toneladas mensuales.

Tomando los datos oficiales del primer semestre, las exportaciones totales por 419.000 toneladas, 3% más que las 405.000 exportadas del primer semestre de 2020. Esto se explica ya que cuando se aplicó el cepo los exportadores (20 de mayo), las empresas ya tenían contratos fijados.

De no haberse interrumpido la tendencia natural que venía marcando el mercado la cual, hasta el mes de abril, sin ningún tipo de intervención, acumulaba un crecimiento del 14% interanual, durante esta primera mitad del año, Argentina podría haber marcado un nuevo récord en volumen exportado superando las 460.000 toneladas y proyectar un potencial anual cercano al millón.

Valores

En cuanto a los valores, junio marca una recuperación del 8% respecto de junio de 2020 (USD 4.221), cuando la demanda mundial aún se encontraba muy debilitada por las restricciones impuestas por la pandemia.

«Desde los últimos dos meses los precios internacionales comienzan a mostrar signos de fortalecimiento, alcanzando en junio un promedio ponderado de USD 4.582 la tonelada, unos USD 500 más en relación al piso de USD 4.000 por tonelada exportada registrado en abril», precisó el informe.

INAC

Por su lado, según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) de Uruguay, los embarques de carne de ese país en junio superaron los 185 millones de dólares mientras que en junio de 2020 habían apenas superado los 135 millones. Fueron 44.437 toneladas contra 36.694 de junio de 2020, un 21% más.



En lo que va del año, las ventas ascienden a 996 millones de dólares, un 27,5 por ciento más que en igual periodo de 2020, y la mitad del valor proviene de los embarques con destino a China.

Crecerá la oferta de ganados terminados en corrales

24/07/2021 - En el mes de agosto es cuando se encierra mayor volumen.

Los ganados que se comienzan a faenar desde las próximas semanas para la cuota 481 y se negociaron con precio fijo, cotizaron entre US\$ 4,20 y US\$ 4,40, pero el que tomó la referencia de ACG tal vez llegue a US\$ 4,60 por kilo de carcasa.

“Creo que Uruguay va a seguir creciendo en ganado terminado a corral, a mi entender el no cuota”, explicó Álvaro Ferrés, presidente de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin).

En diálogo con Rurales El País, Ferrés informó que la ventana de carga de ganado de cuota empezaría en agosto, con algunos adelantos en los próximos días, dado que hay un volumen importante terminado y está en la puerta la oportunidad de que entren a la Unión Europea los cortes más valiosos.

En agosto es la época del año donde hay más ganado encerrado, porque es el momento en que los corrales de engorde o feedlot están llenos por el ajuste de carga en los campos para no tener problemas en el invierno. Además, hay mucha expectativa en los valores que logre el ganado durante la etapa de pos zafra.

La cuota con la UE para ganados terminados a granos, es un negocio que se concentra en agosto con la problemática de la faena para entrar cuando se abra la ventana de ingreso. “Eso limita el crecimiento, porque no hay capacidad para faenar tanto ganado en pocos días.

Cada vez se mandan menos cortes, precisamos más volumen de ganado para hacer más volumen de cortes. Ahí está la oportunidad”, señaló.

En ese sentido, el presidente de Aupcin indicó que las ventanas se van a mantener en la medida que haya lugar para ellas. “Creo que el negocio de la cuota frente al negocio del corral va ir bajando en su proporción y creciendo el negocio no cuota. Si eso es así las ventanas tendrían menor incidencia”, explicó el ejecutivo.

Sobre la ventana de noviembre dijo que normalmente disminuye porque, naturalmente, hay mucha oferta de forraje.

Por el lado de la reposición, agregó, es esperable un aumento de valores. “Va a ser atractiva la ventana por el margen del negocio, pero se va a ver afectada por el precio de la reposición. El margen del negocio de corral es muy bueno, producto de la suba del gordo que permitió absorber el valor de los granos y el valor de la reposición cuando empezamos a encerrar”, indicó Ferrés.

Finalmente, Ferrés sostuvo que el ganado terminado en los corrales de engorde está, cómodamente, en las 400 mil reses. “Ese número, con los vaivenes propios del negocio, va a ir en crecimiento año a año”. afirmó el presidente de Aupcin.

Según su visión, “habrá más volumen de ganado para faenar el mes que viene. Seguir subiendo va a ser difícil, porque naturalmente va haber más volumen de ganado”, concluyó.

La cuota 481 con la UE es para ganados terminados a granos durante los últimos 100 días previos la faena y dentro de este contingente, se colocan más cortes que dentro del Cupo Hilton, para animales terminados a pasto. La cuota nació en el marco del litigio entre Estados Unidos y la UE por la carne con hormonas y luego se abrió a terceros. En los últimos años se redujo el cupo de terceros.

Importadores chinos plantean menores precios por la carne vacuna

por Javier Lyonnet julio 28, 2021

El mercado chino es el gran motor que está traccionando sostenidamente como importador de carne de Uruguay pero los compradores están “un poco quejosos con los precios”, dijo el director del frigorífico Copayán, Fernando González, en Tiempo de Cambio de Radio Rural.

“El importador chino siente que estos niveles de valores que estamos vendiendo no acompañan la realidad de su mercado, y los notamos un poco reticentes a seguir acompañándonos en los precios”, señaló González.

“Los compradores chinos”, sostuvo, “cuando cierran algún negocio manifiestan que son negocios a pérdida y que el mercado interno de China no avala los niveles de precios que estamos pidiendo desde Uruguay y desde Sudamérica en general”.

Esto viene ocurriendo en los últimos dos meses, que los precios vienen con la tendencia de afirmarse: “notamos que los clientes están llegando a un punto de que no lo resisten más; de todos modos es una lectura y no quiere decir que sea una certeza del mercado”.

“Estamos teniendo algunas dificultades en ese sentido, pero es un contexto de hoy y esperamos que se vaya superando; la realidad es que estamos en plena pos zafra, cuando la valorización del ganado no está en función del precio de la carne sino en la necesidad de la demanda, de cumplir con los negocios”, manifestó.



“La industria toma la materia prima y trata de trasladar el mejor precio posible hacia afuera”, dijo el director del frigorífico Copayán, en el contexto de “un año excepcional, con precios muy atractivos y toda la cadena traccionando”.

Desde su perspectiva, “la buena noticia es que cuanto más faenamos más vale y hay que seguir produciendo”. “Tenemos bien claro que cuánto más materia prima hay, mejores precios se logran”, expresó González: “más se exporta, más divisas entran al país y mejor está todo el sector; la lectura es que un mayor nivel de producción y una industria faenando fuerte es lo que mejor funciona en Uruguay”.

Predicciones no funcionan

“Los mercados nos han enseñado que las predicciones no funcionan, hay que acompañar la realidad que nos toca”, dijo Fernando González ante la consulta de si se seguirán manteniendo tanto los valores como los inusuales volúmenes de faena en Uruguay.

“Hoy estamos con precios exorbitantes en la materia prima, que son difíciles de acompañar desde la industria, pero las obligaciones de negocio nos llevan a aceptarlo; la mejor noticia es que eso tracciona toda la cadena de producción”.

El mercado interno de Uruguay es el que Copayán advierte “más resentido” porque “la participación de carne importada incide muchísimo” además de que “se nota una baja en el consumo fruto de que la carne tiene su valor y la crisis fruto de la pandemia ha hecho eco en algunos sectores”

Innovar cajas negras es la meta del INAC

29/07/2021 - Lanzan llamado para renovar tecnología del SEIIC

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) habilitó desde ayer el llamado público para la renovación del Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica SEIIC-Cajas negras. Esa la prioridad a partir de la firma del convenio entre la Agencia Nacional de Investigación e Innovación e INAC, mediante el que se creó el Fondo Sectorial de la Carne, que tiene por cometido generar mejores condiciones para la competitividad de la cadena cárnica, que a su vez, es uno de los ejes del Plan Estratégico Quinquenal de INAC.

La alianza generada con la ANII permitirá que investigadores locales y del resto del mundo presenten sus propuestas e ideas para renovar el sistema de trazabilidad que tiene Uruguay en sus plantas frigoríficas que fue concebido hace 20 años (cajas negras).

Conrado Ferber, presidente de INAC explicó que este primer proyecto con la ANII “es un desafío para la comunidad de investigadores y pretende mejorar las garantías a los actores de la cadena cárnica, con nuevas tecnologías que aporten a la trayectoria ya reconocida de INAC en innovación, con el aporte de un socio estratégico como ANII”. El jerarca dijo que “se buscarán soluciones que nos proyecten para los próximos 20 años y que mantenga los objetivos de ser un sistema transparente, que otorgue garantías a todos los integrantes de la cadena y que mantengan al INAC innovando y apostando a la ciencia y la tecnología”.

Cuando se terminaron de implementar las cajas negras ya tenían 10 años y “hoy precisa que lo proyectemos hacia el futuro con nuevas tecnologías”.

Pablo Caputti: “Hay que revisar todos los aspectos de las cajas negras”

28/07/2021 La renovación del Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica (SEIIC), conocido como “cajas negras”, será el primer objetivo del Fondo Sectorial de la Carne, creado este martes 27 por el Instituto Nacional de Carnes (INAC) y la Agencia Nacional de Innovación e Investigación (ANII). Serán seleccionados dos proyectos, que implicarán una inversión de hasta 100.000 dólares por cada uno. El gerente de Conocimiento del Instituto Nacional de Carnes sostuvo que es necesario revisar todos los aspectos de las cajas negras y analizar técnicamente los pro y los contra, por ejemplo, la balanza en pie o cómo se toman los pesos.

“El sistema funcionará perfectamente por tres o cuatro años más, pero se analizarán soluciones para las limitaciones actuales”, señaló Caputti.

Este martes el INAC y la ANII firmaron un acuerdo de cooperación cuyo objetivo es que el INAC tenga un respaldo en innovación e investigación para resolver sus problemas hacia dentro y hacia afuera. ANII es el nexo que conecta a todo el sistema de investigación e innovación de Uruguay y del mundo. “Se firmó un convenio general que tiene como primer ejemplo la renovación de las cajas negras”, indicó.

En tanto, informó que la Junta del INAC, quien dirige al instituto, tomó la decisión. “Las cajas negras funcionan perfectamente y tiene cubierto dos o tres años para adelante, sin embargo, las ideas de cajas negras son del siglo pasado”, sostuvo.

En ese sentido, explicó que hay que pensar lo aprendido y mirar las limitaciones. “El instituto lo que está haciendo con muy buen criterio es adelantarse a eso y generar un desafío haciendo competir ideas. No se cambia nada al día de hoy, no hay un cambio de obligaciones ni de nada, probamos cuales podrían ser los modelos”, agregó.



Prohibir Estradiol “es arbitrario y va contra el comercio”

25/07/2021 - Productores ganaderos están preocupados porque la UE presiona a Uruguay impulsando “una medida para arancelaria”

Las autoridades de la Unión Europea están aferradas a que Uruguay prohíba definitivamente el uso de sales de Estradiol en sus programas reproductivos, ya que los vientres que alguna vez hayan sido tratados con ese estrógeno, no podrán ser destinados a faenas cuya carne se exporte al viejo continente. Esa decisión genera cada vez más incertidumbre entre los productores y los operadores del negocio ganadero.

El uso, consumo, venta, e importación de sales de Estradiol quedó suspendido, por decisión del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) desde el 1° de enero hasta septiembre (Resolución 269/020). La Unión Europea, según directivas internas del 29 de abril de 1996 y posteriores resoluciones, exige a terceros países exportadores de carne ovina y bovina la prohibición de suministro de 17B Estradiol (nombre de una de las sales de Estradiol) y sus derivados.

Integrantes de la cadena cárnica uruguaya están preocupados por la imposición que impulsan las autoridades de la Unión Europea, porque puede afectar la mejora genética, pero también la operativa comercial.

En ese sentido, el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Dr. Gonzalo Valdés Requena consideró que “se trata de una medida no arancelaria” y entendió que “es una imposición retroactiva, que desde nuestro punto de vista, va en contra del comercio exterior, así como contra el mercado ganadero local”, afirmó.

Los productores están preocupados porque de quedar prohibido el Estradiol y si se aplica que todos los vientres que alguna vez en su vida fueron tratados con el estrógeno queden fuera de las faenas con destino a la UE, se “podrían generar precios diferentes para los que alguna vez recibieron Estradiol”, explicó Valdés. Es posible suponer que ese vientre tratado sea castigado por el mercado con un precio inferior, porque la industria frigorífica estará limitada al momento de exportar su carne.

La mayor contradicción es que el estrógeno está presente naturalmente en el tracto reproductivo de vaquillonas y vacas, no es nocivo para su salud, ni tampoco afecta la salud de los consumidores de la carne de esos animales. No hay una base científica que pruebe lo contrario.

“Los vientres que fueron aplicados resultan de difícil segmentación y la imposición de la UE, a futuro, provocará un impedimento para la mejora genética que afecta los mercados que nos piden calidad de carne”, afirmó el titular de la ARU.

No todas las vacas y vaquillonas del stock bovino uruguayo pasan por un programa de Inseminación Artificial a Tiempo Fijo (IATF), que es donde se usan las sales de Estradiol con fines reproductivos.

Por otro lado, en las IATF se utiliza 1 miligramo en vaquillonas y entre 1,5 y 2 miligramos por vaca para garantizar niveles buenos de preñez.

“Los animales que alguna vez recibieron sales de Estradiol serán difíciles de detectar, porque el uso de la IATF abarca un porcentaje pequeño de vientres y no a todo el rodeo de vacas y vaquillonas. Es una imposición de la Unión Europea arbitraria y retroactiva que afecta el negocio ganadero y que por supuesto, afecta el comercio exterior y hace muy compleja la operativa dentro de la industria”, afirmó Valdés Requena.

Gestiones. Si bien Uruguay aún no tomó una decisión definitiva respecto al pedido de las autoridades de la Unión Europea, el presidente de la ARU pidió a las autoridades sanitarias del MGAP “hacer gestiones hasta último momento para evitar aplicar una imposición retroactiva que es la que genera una distorsión enorme en todo el negocio ganadero”.

La otra preocupación es que este antecedente deja la puerta abierta para otras restricciones a futuro. “Abre un camino preocupante”, porque “cualquier tecnología que se esté usando hoy, aunque no esté prohibida, en el futuro con decisiones como la vinculada con las sales de Estradiol, nos pueden afectar comercialmente en un futuro”, remarcó Valdés.

El miedo de los europeos es que se usen las sales de Estradiol como promotor de crecimiento en la producción de carne. Eso no sucede en Uruguay, país que además, ofrece la garantía de que tiene prohibido desde el 31 de diciembre de 1988, la importación, fabricación, venta y uso de medicamentos veterinarios utilizados para la promoción del crecimiento o engorde en las especies, bovinas, ovinas, suina, equina y aves. Sí están autorizadas las hormonas con destino a reproducción.

Contradicción. A nivel de la Unión Europea hay contradicciones. La presión de la Comisión Europea se contradice con lo que hoy tiene aprobado. En el European Medicines Agency Veterinary Medicines and Inspections EMEA/CVMP/885/99, considera que después del tratamiento terapéutico y zootécnico con esteres de 17b-Estradiol, los niveles de leche y plasma están dentro de los límites fisiológicos. Considera que “aunque los niveles de tejidos pueden ser más altos que los límites fisiológicos inmediatamente después del tratamiento, se concluyó que en comparación con las tasas de producción diaria de 17B-Estradiol en niños prepúberes y en comparación con la cantidad del estrógeno en otros alimentos que forman parte de la dieta humana, el 17B-Estradiol al que los humanos estarán expuestos a través de la



ingestión de tejido de animales tratados, es biológicamente insignificante y será incapaz de ejercer un efecto hormonal en los seres humanos”.

El estudio publicado por la Comisión Europea establece que, por lo tanto, “se concluyó que para el uso terapéutico y zootécnico del 17 β -Estradiol, no es necesario establecer un nivel de ingestión diaria admisible, ni límite máximo de residuos”, concluye el estudio. Uruguay tiene bases sólidas para agarrarse y discutir.

Suspender en Uruguay definitivamente el uso de sales de Estradiol en los programas reproductivos provocaría que se produjeran menos terneros, porque las otras opciones de estrógenos que se pueden usar en la IATF, generan menores porcentajes de preñez. En esos protocolos Uruguay logra alrededor del 62% de preñez, son resultados muy similares al de otros países. Un protocolo modificado que prescindiera del uso de estrógenos al sustituir el Estradiol por otra hormona llamada GnRH, sería más caro.

INAC comenzó una nueva promoción de la carne uruguaya en JAPÓN

26/07/2021 - Las exportaciones de carne vacuna refrigerada de Uruguay a Japón sumaron 2.168 toneladas y US\$ 14 millones en el primer semestre de 2021

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) comenzó una nueva promoción de la carne de Uruguay en el mercado de Japón. La misma se centra en tres cadenas de restaurantes y será durante los meses de verano ahora en el hemisferio norte. El 21 de julio comenzó en la cadena Steak Gusto, y hasta fin de agosto se ofrecerán churrascos de carne uruguaya de 250gr.

A partir del 29 de julio se sumarán a la promoción dos cadenas más, una de cocina occidental y otra más tradicional de Japón, en varios locales y diferentes cortes.

Asimismo, INAC viene trabajando en alianzas con diferentes importadores con el objetivo de promover la marca y origen de la carne de Uruguay en Japón. En este marco también se ha activado una promoción en punto de venta en cadenas de supermercados. Entre ellas, en Yorkmart, que cuenta con un centenar de locales en la región metropolitana de Tokyo.

Los cortes se embarcaron en carga enfriada y luego se porcionaron en destino para suministrar al local de venta. Las bandejas tienen un sticker indicando el origen de Uruguay, carne natural, enfriada y madurada, y el logo con la marca de carnes de Uruguay.

Las exportaciones de carne vacuna refrigerada de Uruguay a Japón sumaron 2.168 toneladas y US\$ 14 millones en el primer semestre de 2021. Esto significa un aumento del 55% en volumen y del 29% en valor comparado con el primer semestre de 2020.

Es importante destacar que el 80% del valor exportado corresponde a carne sin hueso enfriada y el restante 20% a congelada. El Ingreso Medio de Exportación (IMEx) fue de US\$ 6.500 por tonelada. De este modo, Japón como destino representó el 1,5% del valor de las exportaciones de carne de Uruguay en el primer semestre.

Crearon el Fondo Sectorial de la Carne: trazabilidad industrial primer desafío

28/07/2021 - Acuerdo ANII e INAC apuesta a mayor innovación

El Fondo Sectorial de la Carne ya es una realidad. La Agencia Nacional de Investigación e Innovación (ANII) y el Instituto Nacional de Carnes (INAC), firmaron un convenio creando esta herramienta que apunta a investigar y desarrollar mayores innovaciones en toda la cadena cárnica, apuntando a producir más, pero siempre en forma sostenible. El documento fue firmado por el titular de INAC, Conrado Ferber y el presidente de ANII, Flavio Caiafa, acompañados del Ministro Fernando Mattos. También participaron el director de ANII, Pablo Caputi y los integrantes del Comité de Agenda del Fondo, Guillermo Pigurina y Alvaro Ferrés.

A partir de la formulación del Plan Estratégico 2021-2026, -que cuenta con la aprobación de la Junta de INAC y el aval del Poder Ejecutivo-, se identificó a la ANII como una de las alianzas necesarias, punto de partida desde la investigación, el desarrollo e innovación para la elaboración de bienes públicos sectoriales.

“El convenio abre la posibilidad de seguir apoyando al sector productivo, como lo es la industria cárnica y el agro en general. Es el resultado de un trabajo que comenzamos hace un año con la transformación de algunos fondos sectoriales que tiene ANII, enfocados en resolver los desafíos de cada sector productivo a través de proyectos o desafíos de innovación como este”, explicó Caiafa.

A su vez, el presidente del INAC recordó que “la innovación no es algo nuevo para el INAC”, porque “siempre fue una institución que apostó a avanzar en sus procesos”. A modo de ejemplo, Ferber comentó que “hoy tiene instalado en sus plantas frigoríficas sistemas de tipificación automático (que están por funcionar)”, pero también “está en proceso un Plan Piloto de Registro y Gestión del Abasto, que le permitirá al consumidor saber todo el proceso de la carne del frigorífico a la carnicería. INAC apostó siempre a la tecnología para todas las especies”



Ferber destacó que “la apuesta es a un Instituto digital”, que pueda insertarse con éxito en un mundo cada vez más tecnificado. “Por esa necesidad de innovar continuamente nos pareció que el socio ideal era la ANII, porque nos da una amplitud a la hora de llegar a las distintas propuestas”, explicó el titular de INAC. Por otro lado, el ministro Mattos reconoció que “se hizo mucha investigación en los aspectos de la producción de las carnes, pero tal vez nos faltó en el sector industrial, en el agregado de valor o en la mejor información para conseguir mejores decisiones en la cadena”.

La cadena cárnica busca “solucione y eso abre una ventana hacia el futuro. La meta es generar información para agregar valor. Arrimar la ciencia y la tecnología a la producción es lo que queremos”, dijo Mattos.

29/07/2021 Con la firma del convenio entre ANII e INAC se habilitará desde hoy el llamado público para la renovación del Sistema Electrónico de Información de la Industria Cárnica SEIIC-Cajas negras

Dos son los proyectos que se han seleccionado para este Fondo que tiene el fin de generar mejores condiciones para la competitividad de la cadena cárnica, uno de los ejes del Plan Estratégico Quinquenal de INAC.

La alianza con ANII permitirá que investigadores de Uruguay y del resto del mundo presenten sus propuestas e ideas para renovar el sistema de trazabilidad que tiene Uruguay en sus plantas frigoríficas que fue concebido hace 20 años.

El Presidente de INAC Conrado Ferber sostuvo que este primer proyecto es un desafío para la comunidad de investigadores y pretende mejorar las garantías a los actores de la cadena cárnica, con nuevas tecnologías que aporten a la trayectoria ya reconocida de INAC en innovación, con el aporte de un socio estratégico como ANII.

Destacó la relevancia de proyectar un INAC si papeles, digital, que se inserte sin dificultades aportando a la competitividad y productividad del sector.

El Presidente de ANII Flavio Caiafa se mostró muy satisfecho por el apoyo de la investigación en un rubro del país que impacta en la economía, ya que el proyecto mejorará la eficiencia ,aportará información de calidad en la captura de datos y permitirá asegurar la calidad de alimentos con un abanico de tecnologías más amplio.

Aportando innovación al sistema implantado en las plantas de faena, nos permitirá asegurar una tecnología igual de revolucionaria y efectiva como ocurrió hace 20 años, explicó.

El ministro de Ganadería Fernando Mattos participó en la firma de convenio respaldando la alianza entre ambas instituciones. El secretario de estado sostuvo que habrá una ganancia en la competitividad generada desde dentro de la cadena, apoyada en la ciencia y la tecnología.

En el acto, el ministro Mattos afirmó la necesidad del acercamiento entre la ciencia, la tecnología y la producción, para añadir valor e información que permita la mejora de la competitividad, y también para generar confianza en los sistemas de comercio, mayor transparencia en el cobro y el control de tributos.

Es importante tener una visión de futuro para hacer innovaciones en toda la cadena alimentaria y dar mayores garantías al consumidor, señaló.

PARAGUAY

Precio del ganado gordo continúa con tendencia alcista: negocios superan los US\$ 3,60

28/07/2021 El mercado de las haciendas gordas para la exportación continúa con menos oferta y una tendencia alcista de precio. “Las plantas están ávidas de animales, hay disparidad de valores entre frigoríficos y la oferta no está siendo importante”, dijo un operador. La fuente señaló que hay plantas que están pagando US\$ 3,65 a la carne, y más centavos también, por los machos; en especial por animales de buena calidad y en volumen. Las vaquillas cotizan similar a los novillos y toros, mientras que las vacas rondan los US\$ 3,30 a US\$ 3,35 por kilo carcasa. De todos modos, el operador del mercado comentó que “hay algunas industrias que están especulando con las posibles heladas que puedan llegar al país sobre el fin de semana, considerando que podría aumentar la oferta de hacienda y quitaría presión a la suba del gordo”. Sin embargo, consideró que las pasturas ya fueron afectadas por las heladas de finales de junio, por tanto “es posible que la oferta de animales terminados para faena no tenga mucha alteración”. Al comienzo de la semana los valores del mercado se establecía en US\$ 3,60 para los machos, misma referencia para vaquillas; y en US\$ 3,30 para las vacas por kilo carcasa. Fuente: Valor Agro.

Dan pasos en el proyecto de dejar de vacunar contra la fiebre aftosa

25/07/2021 BANVACO es el banco de vacunas antiaftosa que tiene como objetivo dejar de inmunizar contra este virus y se constituyó el pasado jueves 21 de julio mediante la firma de un convenio entre el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) y la Organización Panamericana de la Salud (OPS). Paraguay se convierte así en el primer país de Sudamérica en dar el paso para establecer este



banco. La OPS y el Centro Panamericano de Fiebre Aftosa y Salud Pública Veterinaria realizaron un proyecto de creación de un banco regional de antígenos para los países. La Dra Carissa Etienne, directora de la organización resaltó que este convenio con Paraguay es un gran paso para concretar este proyecto. “El riesgo actual de la fiebre aftosa para los países libres está dado por la potencial introducción del virus de la enfermedad desde alguna de las ocho regiones afectadas del mundo donde aún circulan los distintos tipos y subtipos virales”, afirmó Etienne. El acuerdo requiere de la participación de al menos tres países para que inicie como concepto regional. Por su parte, el presidente del Senacsa, José Carlos Martín, sostuvo que este acuerdo es un paso estratégico para la cadena de la carne en el proceso de transición de un estatus libre con vacunación, a uno libre sin vacunación. Fuente: Valor Agro.

Se dificulta navegabilidad de ríos, suben los fletes para carne y soja

23/07/2021 La navegabilidad de los ríos Paraguay y Paraná es muy difícil, problema que se agudizó el año pasado a raíz de la prolongada sequía que se extendió por más de 10 meses y que todavía sigue impactando negativamente para la salida de la producción nacional, en especial de productos como carne y soja que son pilares fundamentales de la economía. Al momento, el río Paraguay es la única vía de circulación para las exportaciones del país, ya que desde abril no se puede operar por el río Paraná. Sin embargo, el bajo caudal de agua del Paraguay tampoco permite la salida de cargas completas. En los primeros seis meses del 2021 la exportación de soja bajó 10%, en la comparación semestral, con un total de 4.073.241 toneladas comercializadas, según el informe de comercio exterior de la Cámara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas (Capeco). La asesora de comercio exterior de la Capeco, Sonia Tomassone, explicó a Valor Agro que la merma en la salida de soja se debió a las condiciones fluviales adversas que demoraron las exportaciones e importaciones. “El río Paraná se encuentra innavegable, lo que ha forzado a enviar cargas a los puertos del río Paraguay, generando una importante congestión”, refirió. Tomassone mencionó que la navegación del río Paraguay sólo puede realizarse entre 8 a 8,5 pies; por lo tanto, se debe reducir las cargas en cada embarcación lo que, finalmente, desemboca en el incremento de costos logísticos y el retraso de envíos. Para la carne bovina, si bien entre los principales mercados en volumen se encuentran Chile y Brasil donde la carne se envía por camiones, la mayoría de los destinos comerciales internacionales, como Rusia, Taiwán, Unión Europea e Israel; implican una salida marítima ágil para un producto que debe llegar cumpliendo exigencias de fechas máximas. El gerente de la Cámara Paraguaya de la Carne, Daniel Burt, comentó a Última Hora que la bajante de los ríos “es un problema constante” para un comercio que necesita a todo momento la navegabilidad de los ríos. Y explicó que algunas empresas están optando transportar la carga de forma terrestre hasta Brasil para, posteriormente, salir por los puertos a los destinos finales. A la imposibilidad de circular normalmente por los ríos, se suman las problemáticas de disponibilidad de contenedores, un hecho que está predominando desde el segundo semestre del año pasado como efectos de la pandemia que provocó en la sociedad mundial una mayor necesidad de bienes. El conflicto de navegabilidad se desarrolla en un marco prometedor para las ventas de commodities paraguayos al mundo, con una producción de soja superior a 10 millones de toneladas y precios que sobrepasan los 400 dólares; mientras que la carne marca una demanda récord con volúmenes históricos de exportación para el primer semestre del año. Fuente: Valor Agro.

Frío polar provocará heladas en buena parte del territorio

28/07/2021 La mayoría del territorio paraguayo podría registrar entre jueves y sábado las heladas más intensas en lo que va del año, debido al ingreso de una masa de aire polar; inclusive siendo superiores a las experimentadas a finales de junio. El asesor meteorológico, José María Rodríguez, anunció a Valor Agro que a partir de la noche del martes y la madrugada del miércoles “se espera la llegada de una masa de aire polar que provocará intensas heladas, salvo en los departamentos de Alto Paraguay y Boquerón”.

UNION EUROPEA

Informe de situación sobre el Plan “One Health “contra la resistencia a los antimicrobianos

27/07/2021 La Comisión Europea ha publicado su sexto informe de progreso sobre la implementación del Plan de Acción Europeo One Health contra la Resistencia a los Antimicrobianos, adoptado en junio de 2017.

El informe de situación muestra que varias iniciativas tomadas a nivel de la UE han progresado durante los últimos seis meses. La Joint Action on Antimicrobial Resistance and Healthcare-Associated Infections (JAMRAI), que apoyó las actividades de colaboración y el desarrollo de políticas en los Estados miembros, finalizó en febrero pasado. La Red de Salud Única AMR de la UE, presidida por la Comisión Europea, volvió a reunirse on line el 25 de marzo después de una pausa de un año debido a la pandemia de la covid-19. Esta fue una oportunidad importante para que los Estados miembros de la UE, la Comisión



Europea y sus socios (Tripartite Plus - OMS, FAO, OIE, PNUMA) debatieran sobre los últimos avances en la resistencia a los antimicrobianos desde la perspectiva de One Health a nivel de la UE e internacional. A nivel normativo, la Comisión estableció legislación terciaria para implementar el Reglamento de la UE sobre medicamentos veterinarios y piensos medicados, que contribuirá a alcanzar el objetivo, establecido en la Estrategia de la UE De la granja a la mesa, de reducir las ventas globales de antimicrobianos para animales de granja en la UE y en acuicultura en un 50% para 2030.

El 30 de junio se publicó el tercer Informe Conjunto Interinstitucional, JIACRA III. Producido por el Centro Europeo para la Prevención y el Control de Enfermedades (ECDC), la Autoridad Europea de Seguridad Alimentaria (EFSA) y la Agencia Europea de Medicamentos (EMA), proporciona un análisis integrado, One health, del consumo de agentes antimicrobianos y la aparición de resistencia a los antimicrobianos en bacterias de humanos y animales productores de alimentos en la UE / EEE. En junio también se publicó el dictamen científico del Grupo EFSA BIOHAZ sobre el "Papel del medio ambiente en la aparición y propagación de la resistencia a los antimicrobianos (RAM) a lo largo de la cadena alimentaria". Por último, a petición de la comisión ANIT del PE, se envió a la EFSA una solicitud de dictamen científico sobre la transmisión de la resistencia a los antimicrobianos (relacionada con el bienestar animal) y los agentes zoonóticos durante el transporte de animales. El PE solicitó que el dictamen esté listo para octubre de 2021.

REINO UNIDO estudio demuestra que un impuesto al consumo de carne costaría 283 millones de euros

28/07/2021

Un estudio desarrollado por el Instituto de investigación agrícola Rothamsted Research sugiere que un impuesto al consumo de carne con el objetivo de frenar el cambio climático podría hacer "más daño que bien" ya que tendría un coste de 283 millones de euros.

En el estudio, publicado por Scientific Reports, se han modelado los impactos del impuesto a la carne en la economía y se ha estimado que incluso con tasas impositivas moderadas propuestas anteriormente para el Reino Unido (19% para la carne y 11% para los lácteos), para la economía del país las pérdidas ascenderían a 283 millones de euros.

Los hallazgos indicaron que estas pérdidas resultaron del cambio de negocio desde la producción ganadera a la producción agraria y la puesta en marcha de negocios no agropecuarios.

Taro Takahashi, el economista agrícola que dirigió la investigación, dijo que las pérdidas económicas no solo serán soportadas por los ganaderos, sino también por todos los miembros de la sociedad. "Además de impactar a los consumidores y agricultores, los efectos secundarios se sentirán a lo largo de las cadenas de suministro, así como en las comunidades rurales que apoyan y son apoyadas por los agricultores", dijo Takahashi.

Takahashi señaló que el estudio de Rothamstead descubrió que un impuesto a la carne podría obligar a las granjas de ganado en pastoreo a abandonar la industria, incluso cuando los pastizales son en realidad el uso de la tierra más sensato.

Takahashi sugirió que, en lugar de un impuesto general, una mejor solución sería observar qué áreas del país se mantienen mejor como granjas de ganado y ovejas, y cuáles se destinarían mejor a otros usos, como la producción de cultivos para el consumo humano, la agrosilvicultura y la agricultura o la prestación de servicios ecosistémicos. "Esto implicaría un enfoque más matizado de sopesar el ahorro de carbono con la cantidad de nutrientes producidos y los impactos en la economía, tanto a nivel local como nacional", dijo.

ESTADOS UNIDOS

EE.UU. se beneficia de la caída de las exportaciones australianas y argentinas de carne vacuna a China

28/07/2021 Estados Unidos ha podido recuperar su participación en el mercado debido a su mayor producción de ganado junto con los cambios en el acceso al mercado creados por el Acuerdo de Fase Uno entre Estados Unidos y China

De acuerdo con el USDA, las exportaciones de carne vacuna de EE.UU. han crecido entre enero y mayo en un 15% en cantidad y un 22% en valor. China es el tercer importador de este producto de EE.UU. tras Japón y Corea del Sur y ha superado en compras a otros destinos tradicionales como Canadá y México.

Las exportaciones estadounidenses a China en mayo aumentaron un 895%, y la carne vacuna estadounidense ahora representa el 4% del mercado de importación chino, frente al 1% en 2019. La mayor parte de esta participación de mercado se ha adquirido de Australia y Argentina.



Estados Unidos ha podido recuperar su participación en el mercado debido a su mayor producción de ganado (en comparación con el rebaño nacional récord de Australia), junto con los cambios en el acceso al mercado creados por el Acuerdo de Fase Uno entre Estados Unidos y China.

El USDA también informa bajos suministros de carne de cerdo debido a que la peste porcina africana aún influye en la demanda de proteínas de China. Esto se suma a la falta de suministro de Australia (anteriormente el tercer mayor proveedor de carne de vacuno del mercado chino). Los datos de mayo tampoco muestran aún restricciones a la exportación de Argentina, el segundo mayor proveedor de carne de vacuno a China, y se espera que esos volúmenes caigan significativamente.

Las exportaciones de carne vacuna de Australia a China son un 40% más bajas en lo que va de año, con volúmenes mensuales con una tendencia de aproximadamente la mitad de los niveles récord observados en 2019.

USDA existencias de ganado bovino se redujeron 1%

26 July 2021 National Agricultural Statistics Service

About 101 million head of cattle and calves are on U.S. farms as of July 1, 2021, according to the Cattle report published today by the U.S. Department of Agriculture's National Agricultural Statistics Service (NASS).

Beef cows, at 31.4 million head, down 2 percent from a year ago.

Of the 101 million head inventory, all cows and heifers that have calved totaled 40.9 million

Milk cows, at 9.50 million head, up 2 percent from previous year.

All heifers 500 pounds and over on July 1, 2021 totaled 16.0 million head, 1 percent below the 16.2 million head on July 1, 2020.

Beef replacement heifers, at 4.30 million head, down 2 percent from a year ago.

Milk replacement heifers, at 4.10 million head, up 3 percent from previous year.

Other heifers, at 7.60 million head, 3 percent below a year earlier.

Steers 500 pounds and over on July 1, 2021 totaled 14.5 million head, down 1 percent from July 1, 2020.

Bulls 500 pounds and over on July 1, 2021 totaled 2.10 million head, unchanged from previous year.

Calves under 500 pounds on July 1, 2021 totaled 27.4 million head, down 1 percent from a year earlier.

Cattle and calves on feed for the slaughter market in the United States for all feedlots totaled 13.4 million head on July 1, 2021, down 1 percent from previous year.

Cattle on feed in feedlots with capacity of 1,000 or more head accounted for 84.3 percent of the total cattle on feed on July 1, 2021, up slightly from previous year.

The total of calves under 500 pounds and other heifers and steers over 500 pounds (outside of feedlots), at 36.1 million head, down 2 percent from the 36.7 million head on July 1, 2020.

Calf Crop Down Slightly

The 2021 calf crop in the United States is expected to be 35.1 million head, down slightly from last year.

Calves born during the first half of 2021 are estimated at 25.8 million head, up slightly from the first half of 2020. An additional 9.30 million calves are expected to be born during the second half of 2021.

By GREG HENDERSON July 26, 2021 USDA's semi-annual Cattle Inventory report on Friday confirms the U.S. inventories of beef cows, replacement heifers, feeder cattle and calf supplies are declining. The ongoing drought in the West and Northern Plains will accelerate the trend.

USDA's survey indicated all cattle and calves totaled 101 million head on July 1, about 1% below the 102 million head counted in the mid-year report last year.

USDA's July 1 count of beef cows was 31.4 million head, down 2% from a year ago. Analysts expect the drought to further reduce those numbers throughout 2021. Given the smaller cow herd, USDA's preliminary calf crop estimate was 35.1 million head, down slightly from last year. Calves born during the first half of 2021 were estimated at 25.8 million head, up slightly from the first half of 2020. An additional 9.3 million calves are expected to be born during the second half of this year.

With its mid-year inventory, USDA surveys 10,000 operations compared to the 50,000 producers surveyed for the January 1 inventory.

All cows and heifers that have calved totaled 40.9 million head, 1% below the 41.4 million head on July 1, 2020. Milk cows, at 9.50 million head, up 2% from previous year.

All heifers 500 pounds and over on July 1 totaled 16.0 million head, 1% below the 16.2 million head last year. Beef replacement heifers, at 4.30 million head, down 2% from a year ago. Milk replacement heifers, at 4.10 million head, up 3% from previous year. Other heifers, at 7.60 million head, 3% below a year earlier.

The supply of feeder cattle and calves outside feedlots is estimated at 800,000 head smaller than year-ago levels at 49.5 million head.



Empeora la calidad de la oferta ganadera

By PAUL DYKSTRA July 28, 2021 - The fed cattle market continues to trade in a fairly wide range from the northern feeding region to the south. Texas continued the July trend holding the bottom of last week's range at \$118/cwt. to \$120/cwt. while Iowa and Nebraska picked up the top of the range from \$120 /cwt. to \$125/cwt.

The wide trading range throughout July has been constant, due to more market-ready cattle on feedyard showlists in Texas than normal. July CattleFax data reported the Texas showlists 23% smaller, on average, than a year ago, but 140% of the average from 2015 to 2019.

In contrast, the Colorado and Nebraska showlists have averaged just 102% of the 2015 to 2019 average. The comparatively smaller inventory of market-ready cattle in the north has driven more bidding competition.

The Choice/Select spread has remained unseasonally wide after marking a record of \$35.68/cwt. in mid-June. Urner Barry data shows a 47% reduction in the spread, up through last week's average of \$18.83/cwt. However, this is still the second highest Choice premium since the \$21.29/cwt. premium seen the same week in 2019.

Carcass cutout prices through July have dropped in very seasonal fashion with the CAB cutout down \$53/cwt. from the June high of \$343.10/cwt. Last week's price at \$290.91/cwt. is still 23.8% higher than a year ago. Beef buyers continue to look for more price deflation, but may find that competition will pick up again. Buying for Labor Day holiday needs will likely see cutout values finding traction near term. Beef prices typically catch an uptick from now through mid- to-late August, before heading lower again in September.

Beef demand remains the bright spot on the horizon for the production sector. The promise of demand trickling back through the supply chain to product origin is impossible to take to the bank. We've seen great demand in 2021 despite inflated retail prices. We've reported that demand for high quality beef has long been on the rise, but to observe the quality premiums noted above in a period where retail prices are second only to pandemic-induced packing slowdowns is quite an amazing thing to witness.

The unfortunate reality of the western U.S. drought this year is accelerating cow herd reduction and will continue to do so into the fall. It's disingenuous to suggest that fewer cows are better for the industry when it comes at a cost to thousands of ranchers by way of forced culling. The impact of this culling will be rapidly felt as the cattle supply becomes aligned with slaughter capacity.

QUALITY GRADES LOWER, PRODUCTION FACTORS SHIFT

This summer many of us have had our eyes on carcass weights, grading trends and days on feed as they relate to the fed cattle sector. These factors have been set on abnormal paths since the onset of the pandemic and accompanying backlog over a year ago.

Carcass weights and days on feed directly affect carcass marbling and quality grade achievement. Weighted average steer and heifer carcass weights topped out at the 900 lb. record last October. A correction in carcass weights has been much slower than many had anticipated. Burdensome fed cattle supplies have remained a factor under smaller weekly slaughter head counts. Latest carcass weights are just 17 lb. lighter than a year ago, but 23 lb. heavier than the same week in 2019.

Added days on feed have been another well-publicized feature of the pandemic casting an extended shadow well into 2021. The number of cattle on feed for 150-plus days in 2021 had come close to the 2019 total by April this year, but the June report pegged the number at still 12% excess of the June 2019 number.

Throughput has not yet been rapid enough to return feedyard currentness to pre-pandemic levels. This is slated to be achieved more readily in the 3rd and 4th quarters.

Carcass quality grade trends have held Choice, CAB and Prime percentages similarly at record highs under abnormally high carcass weights and days on feed. However, seasonal grade patterns have not been lost, as the trend lines have simply marked new highs through the seasonal ebb and flow.

The combined share of Choice and Prime carcasses in 2021 ran at record highs through the 1st quarter and a portion of the 2nd. It wasn't until early May that the spring carcass weight decline, acting more normally this year than last, pulled the Choice and Prime carcass total below 2020.

This June and July, quality grades lowered more rapidly than anticipated. The arrival of the spring low in carcass weights came two to three weeks later than normal, providing a possible clue to the faster grade decline.

The Prime grade has declined from its May high of 12.6% to the mid-July 8.4%, the lowest so far in 2021. With fewer Prime carcasses, the Choice grade captured a few more carcasses, holding the Choice percentage just fractions of a percentage below the prior year for the same period.

Carcasses certified for the CAB brand are also holding fairly steady as the proportion meeting brand carcass specifications has run either side of a year ago for weeks in the 37% of all eligible cattle. This is down from the 42% record highs seen this spring, but still in record territory for June/July.



The CAB Insider has thoroughly covered the record Choice/Select spread and continued premium in the quality market so far this summer. Noteworthy on the pricing front most recently is the reaction of the Prime grid premiums being paid by packers in reaction to the dip in Prime carcasses. The increase falls in line with the seasonal tendency for increasing Prime premiums beginning in August. The current Prime premium jump from \$11/cwt. to \$17/cwt. in a matter of three to four weeks is a stronger increase than that seen in the five-year average.

CAUTIOUS OPTIMISM

The Market Update calls out strong 2021 beef demand as an optimistic driver for the beef complex. The opinion isn't unique to the Certified Angus Beef ® brand, as CattleFax and other analysts have drawn strong attention to it. With that said, it's wise to consider risks that can threaten beef's position in the market.

July boxed beef prices have followed the seasonal "rule" for the dog days of summer with relaxed values on many beef subprimal cuts. A lower short term trend has not, however, brought prices near the more traditional price ranges seen in most recent "normal" market years of 2015-2019. Inflation is everywhere and logically beef should not be exempt. However, beef and other food items have not enjoyed the same inflation as other goods, historically.

With this said, the looming question is whether consumers will continue to demand beef in similar quantities as they have in recent years. The current CAB cutout value is 33% higher than the previous five year average. The price also varied no more than 3.6 percent in any of the years from 2016 to 2020 for the most recent week of July 19. The future may be brighter with more consumer dollars spent on beef. That chapter is yet to be written.

Nueva Audiencia en el Senado para analizar la competitividad en la cadena de Ganado bovino

By KATIE JAMES July 28, 2021 Following the Senate Ag Committee hearing on anti-competitive practices, transparency and other issues in the beef cattle market last month, the House Ag Committee's subcommittee on Livestock and Foreign Agriculture held its own hearing to discuss shocks to the supply chain and how to support livestock producers on July 28, titled "State of the Beef Supply Chain: Shocks, Recovery, and Rebuilding."

In his opening remarks, committee chair Rep. Jim Costa (D-Calif.) detailed the largest "Black Swan" events that have affected the cattle industry one after another, starting with the Tyson plant fire in Holcomb, Kan., followed by the COVID-19 pandemic and then the cyberattack on JBS.

"It is our job on this subcommittee to get to the bottom of the most complex challenges confronting agriculture and to help our farmers and ranchers overcome these challenges," Costa said. "Today we will hear from four expert witnesses, who will tell us where the vulnerabilities in our supply chain lie and share their innovative ideas for helping the beef supply chain adapt to become more resilient, so that we can use what we learn today to create positive change."

Witness testimony came from Dr. Jayson Lusk, Distinguished Professor and Head of the Department of Agricultural Economics, Purdue University; Dr. Jennifer van de Ligt, Director, Food Protection and Defense Institute, University of Minnesota; Dr. Keri Jacobs, Associate Professor of Ag & Applied Economics, Division of Applied Social Sciences, College of Agriculture, Food and Natural Resources, University of Missouri and Dr. Dustin Aherin, Vice President and Rabo Research Animal Protein Analyst, Rabo AgriFinance.

Lusk's testimony focused on the historical background of cattle prices and volatility, and how that has been impacted and influenced by the most recent events and what is needed in the future.

"There is a key lesson to take from this recent historical episode. There are long lags and ripple effects in cattle and beef markets. A producer makes a decision today to breed a cow and it will be roughly three years until the resulting offspring is ready for market. Likewise, investors today decide to build a new packing plant. It will be years before construction is finished and the capacity is brought online," Lusk says. "Everyone is betting on the future with information that will ultimately be two to three years old by the time outcomes are realized. Cattle inventories have already started to fall, and cattle prices have risen since last summer. My recommendation to you, as policy makers, is the following: do not overly focus on what is happening today. Consider what will be needed three to five years from now."

Van de Ligt testified on the cyber risk in the food and agriculture sector and the growing dependence on cyber information and operation systems to perform a growing number of normal operating systems. This ranges from email to data storage and records retention, to point of sale activities, and lately control systems in meat harvesting plants and sensors that monitor the temperature and pasteurization of milk.

"Regardless of why cyber risk exists, cyberattacks have the potential to cause catastrophic disruption and endanger national security concerns," Van de Ligt said. "The recent JBS cyberattack disrupted meat procession operations in several countries and simultaneously caused disruptions to supply chains, logistics and transportation to customers. And it increased consumer prices. This amplification of disruption can easily result in national security threats depending on the scale of attack and subsequent disruption."



Jacobs testified to potential solutions, including:

- > USDA research into minimum efficient scale in beef processing and what's needed to achieve it
- > Temporarily subsidizing evidence-based scalable capacity
- > Creating a loan guarantee program to reduce risks to lenders for producer-owned finishing, processing, and marketing and that financing being available earlier in the investment period
- > Preserving niche-market products
- > Providing technical assistance for producers to form cooperatives or associations and gain traction in the startup period and coordination with downstream partners.

Aherin shared perspective from the strategic decision-making angle for the bank and the bank's clients through research-based perspective on market dynamics and future trends.

The National Cattlemen's Beef Association (NCBA) applauded the willingness of the committee to prioritize these issues and help cattle producers.

"The roadblocks that are depressing profits for our cattle producers and endangering the steady supply of affordable beef have really captured the attention of lawmakers," said NCBA vice president of government affairs Ethan Lane. "The continued momentum we are seeing on expanding processing capacity, both on Capitol Hill and at USDA, is a positive sign. We are grateful to Chairman Costa and Ranking Member Johnson for prioritizing this issue. We look forward to continuing to work with members of the House Agriculture Committee to advance solutions like the Butcher Block Act that would alleviate some of the chokepoints that are hurting our producers."

The United States Cattlemen's Association (USCA) pledges to work with both the Senate and House on these issues, as well as urging its members to contact their elected officials to lend further support.

"USCA will work with members of both the Senate and House to advance transparency and true price discovery, truth in labeling, protecting the health of the domestic cattle herd, free AND fair trade, increasing opportunities for success for independent beef processors, and more," it said.

Wednesday's house hearing came just hours before the Senate Judiciary Committee hearing on the supply chain, which included testimony from packers, grocers and other industry representatives.

Senador Grassley: ganaderos enfrentan una situación desleal

By RHONDA BROOKS July 27, 2021 U.S. Sen. Chuck Grassley (R-IA) talked with Pro Farmer policy analyst Jim Wiesemeyer on AgriTalk Monday about a host of issues, hearings and proposed policies.

Top of mind for the senator was concern about "big companies" that wield much of the control in the livestock processing industry.

"We expect to make a case that four companies having 80% of the slaughter means the spot person can't market when he wants," Grassley told Wiesemeyer. "There's not enough room for Iowa and other Midwest producers to get their cattle to the slaughterhouse and get a good price. It's a very unfair situation."

Grassley supports legislative action, which he along with Sen. Jon Tester (D-MT) originally introduced, because of concerns that small producers are losing money on cattle due to being unable to spot market.

Grassley said he has asked USDA Secretary Tom Vilsack to "look into the situation" to see if he could support the legislation.

"I have not heard back yet, but I think the Secretary has already taken some action with money that's already available to incentivize packers to set up more slaughter, so more markets are available for the spot producer," Grassley said.

Wiesemeyer then asked Grassley for his take on the \$579-billion infrastructure bill addressing transportation, broadband and utilities that Democrats hope to pass.

Grassley told Wiesemeyer that there is some talk that something can come together later this week in the Senate.

"I'm just speaking for Chuck Grassley now, but I think there's a lot of unanimity on this among Republicans," he said. "How are we going to pay for it? Is it paid for? That may make a big difference whether I would vote for it or not. But everything I've heard up until now, on the programs that are in the bill, I think I could vote for."

A coalition of more than 100 business leaders on Monday penned a letter to congressional leaders, urging them to pass the infrastructure bill that was agreed to by the White House and a bipartisan group of Capitol Hill negotiators.

"We write to express strong support for your promising efforts to design and pass a Bipartisan Infrastructure Framework, a long-awaited and desperately needed program to renew and rebuild our nation's crumbling infrastructure," the letter, which was signed by 146 business leaders, said.

"We urge you to finalize and adopt this program to modernize and expand physical and digital assets that are a necessary foundation for our nation's sustainable growth," the letter added.

Wiesemeyer also asked Grassley about the potential for tax increases this year as well as his take on the outlook for ethanol. Listen here for the entire discussion.



Representantes de 2 de los 4 Grandes testimoniaron

AgDay 07/29/21 - Senate Judiciary Cattle Market Hearing

Competition in the meat sector was on center stage in Washington, D.C. Wednesday. The same day the House Agriculture Committee tackled the topic of the state of the beef industry and beef supply chain issues during a hearing, the Senate Judiciary Committee put the meatpacking industry in the hot seat on Capitol Hill.

Wednesday's Senate Judiciary hearing, called "Beefing up Competition: Examining America's Food Supply Chain," follows a hearing last month in front of the Senate Ag Committee. At that time, leaders got input from cattle producers and industry groups about the supply chain, and concerns about lack of transparency, but no one from the meat packing sector took part.

Wednesday's hearing included witnesses representing producers, meat packers and grocers. The list included:

Jon Schaben, Iowa Cattlemen's Association, owner of Dunlap Livestock Auction

Rob Larew, president of the National Farmers Union

Shane Miller, president of fresh meats at Tyson Foods Group

Tim Schellpeper, president of USA fed beef at JBS USA

David Smith, president and CEO of the Associated Wholesalers Grocers

George Slover, Consumer Reports senior policy council.

The hearing marked the first time any of the four major meatpacking companies - which include JBS, Tyson, Cargill and National Beef - had a chance to defend their practices on Capitol Hill this year. But that didn't stop Senators and others from grilling the meatpacking representatives from JBS USA and Tyson Foods Group who joined the hearing virtually.

Grassley Presses Tyson Foods

"Mr. Miller, Iowa cattle producers tell me that during the first week of May this year Tyson wasn't buying cattle from independent producers," said Sen. Chuck Grassley (R-Iowa), Ranking Member of the Senate Judiciary Committee. "With so few players in the market, that gives producers limited options. Noted in Mr. Schaben's testimony and according to data from the National Daily Cattle and Beef Summary reported by USDA Agricultural Marketing Service, on May 10th of this year, the choice boxed beef cutout was valued at more than \$309 per hundredweight. At the same time, cattle producers struggled to break even... How do you justify making such low bids when you're turning a significant profit?"

"We depend on independent cattle operations of all sizes, and we can't do without all of them," said Shane Miller of Tyson Foods. "I don't know the specific date you referenced in May, what we were doing in the marketplace that day versus another day, but what we pay Iowa cattle feeders truly depends on the market conditions. But how they end up deciding to sell their cattle whether they want to negotiate or put them on an AMA, is totally up to them."

Grassley Questions Cash Trade

Grassley also made clear his concerns about what he says are big companies that wield much of the control in the livestock processing industry, as he says the amount of cattle traded on the cash market in the early 2000's was more than 50%, but today that number has dropped to 20%.

"Are independent producers who negotiate, offered the same opportunities to market their cattle as larger corporate feedlots do through formula contracts? And would you be opposed to having the base price premiums and any discounts shared with the public," Grassley asked during the hearing.

"We are active in the cash market every single day at JBS," said Tim Schellpeper, of JBS USA. "In fact in the state of Iowa, we have several buyers that are headquartered there. Again, active participants, are they offered the same price? Yes, they are on a cash basis, on a day in day out basis."

Other Senators also pressed the packers during the hearing, but asked questions pertaining to anti-competitive claims of groups like the National Farmers Union (NFU).

"How about breaking up some of these some of these Packers," asked Sen. Josh Hawley, (R-Mo.)

"Look, we are all for shining a light having a review and if necessary, break them up," said Rob Larew, president of National Farmers Union (NFU).

"Something is seriously wrong here and it cannot go on as it currently is. And I for one think it's time to take that kind of action. You were talking about it Mr. Larew, I think we need antitrust enforcement. And I think we as a committee have got to look forward to some policy suggestions to change the balance," Hawley concluded.

Larew also highlighted why what NFU sees as competition problems in the cattle sector are trickling down to cattle producers.

"While there are some important differences between the structure of the industries that produce cattle, hogs, and poultry, farmers and ranchers raising these livestock all face a shared challenge: slaughter and processing sectors that are more concentrated today than they were several decades ago, said Larew. "These industries are also more vertically integrated, eroding farmers' control over their livelihoods."



Furthermore, farmers and ranchers face thinning or nonexistent cash markets, which can hamper price discovery and suppress prices."

North American Meat Institute Defends with Numbers

Grassley also made clear his concerns over what he sees as anti-competitive practices, as he says the four meatpackers control more than 80% of the cattle market today and hold a tremendous amount of market power. He also said "independent cattle producers in Iowa and across the country need a free and fair market."

The North American Meat Institute (NAMI), which represents the meatpacking industry, also submitted testimony to the hearing, saying when it comes to talk about concentration in the industry, "the four-firm packer concentration ratio for fed cattle slaughter has not changed appreciably in more than 25 years."

NAMI also says claims that the big four packers control 85% of beef production in the U.S. is a misleading exaggeration. It says the number is more like 70%. The group also continues to say market fundamentals drive the cattle and beef markets.

US Farm Bureau agradeció la iniciativa

29 July 2021

American Farm Bureau Federation President Zippy Duvall commented on Wednesday on the U.S. Senate Judiciary Committee and U.S. House Agriculture Committee hearings on the current state of the beef supply chain.

"American Farm Bureau appreciates the work of the committees in both houses of Congress to investigate the strengths and weaknesses of our country's food systems, specifically livestock markets.

"We welcome the discussion held by the Judiciary Committee to restore a competitive playing field for America's farmers and ranchers. It was also important for the House Agriculture Subcommittee on Livestock and Foreign Agriculture to explore and call attention to the difficult trajectory cattle markets have followed over the last two years. Prices at the grocery store continue to rise while ranchers receive the bare minimum prices for their livestock.

"AFBF continues to urge Congress to reauthorize Livestock Mandatory Reporting, create a beef contract library, and publicize the results of the Department of Justice investigation into livestock markets to ensure farmers and ranchers have the best tools at their disposal when it comes to selling their livestock.

"We will continue to work with Congress and the administration to ensure all farmers and ranchers receive a fair price for their products while producing the safest, most affordable food in the world."

USDA indemnizará a productores que sacrificaron animales y a establecimientos que debieron cerrar por COVID

Wed, July 28, 2021, Farmers who euthanized hogs, chickens and turkeys because of limited meat processing capacity during the Covid-19 pandemic can apply for federal aid for their losses starting next week, the Agriculture Department announced on Tuesday.

Key details: USDA will pay 80 percent of the fair market value for the livestock, as well as the cost of depopulation and disposal. The aid is part of the department's ongoing Pandemic Assistance for Producers effort and was authorized by the fiscal 2021 appropriations package enacted in December.

Coronavirus outbreaks at slaughterhouses early in the pandemic led to widespread plant closures and a backlog of livestock ready for slaughter — forcing farmers to euthanize millions of animals.

"Throughout the pandemic, we learned very quickly the importance and vulnerability of the supply chain to our food supply," Agriculture Secretary Tom Vilsack said in a statement. "Many livestock producers had to make the unfortunate decision to depopulate their livestock inventory when there simply was no other option. This targeted assistance will help livestock and poultry producers that were among the hardest hit by the pandemic alleviate some financial burden from these losses."

Producers can request assistance if they put down swine, chickens or turkeys between March 1 and Dec. 26 of last year and had legal ownership of the animals at the time they were killed.

Meatpackers, poultry dealers and contract growers aren't eligible for aid, nor are producers with more than \$900,000 in annual income from 2016 through 2018.

What's next: Farmers can apply for aid from July 20 until Sept. 17. Most of the money is likely to go toward pork producers, USDA said.

AUSTRALIA

Precios del Ganado bovino al tope en el ranking mundial

Jon Condon, 28/07/2021



WITH cattle markets continuing to push to stratospheric levels during July, it's no surprise that Australia remains well on top in the 'international league table' that represents live cattle and carcass beef prices around the world.

During a recent market update webinar, MLA analyst Stuart Bull presented the table above, plotting Australian finished cattle prices against those of other major beef exporting nations, measured in A\$ terms. As they have since late last year, Australia continues to top the list, remaining about A50c/kg liveweight ahead of second-placed US, and well over a dollar a kilo above third-placed Uruguay.

Apart from a short period back in 2016 when Australia topped world prices briefly (clearly influenced as much by a sudden and dramatic drop in US prices at the time, as a rise in our own), this is the first time in history that Australian cattle prices have been the most expensive in international terms.

Cattle shortage driven by continental scale drought and subsequent herd liquidation, combined with strong international beef demand and this year's strong seasonal conditions has driven the recent sharp rise in Australian cattle prices.

The result is a challenging trading environment for Australian beef exporters, in terms of export beef price competitiveness.

"Australia continues to outpace other key exporter markets in terms of our cattle pricing," Mr Bull told last week's webinar.

"But what we are seeing now is generally low supply across global beef exporting nations – it's not just us facing supply challenges," he said.

As the graph shows, most export competitor countries have shown a rising cattle price trend this year.

"It's being seen in South America, and to a degree, the US," Mr Bull said. "Things are aligning a little more with what's happening here in Australia, price wise. But having said that, Australia is still easily the most expensive of the five countries in the comparison."

Similar result from European assessment

As always, any international cattle/beef price comparison can change, depending on which currency is chosen as the benchmark, currency cross-rates between that currency and others, and which cattle market category is chosen for the comparison.

For example the graph published below, created by the European Commission's Agriculture and Rural Development division is calculated in Euros, instead of Australian dollars – and is based on carcass prices instead of finished steer prices – but the trend remains reasonably consistent.

The blue line on the graph below represents carcass prices in the EU, while the previous MLA graph plots only the five significant beef exporters – the US, Australia, Brazil, Argentina and Uruguay.

The European graph is now about six week old, which if anything, if brought up to date would show Australian prices pulling even further ahead. While an incomplete graph plot line is included for Great Britain (yellow line), Great Britain is not a significant beef exporter, in a global context.

The European graph suggests Australian beef carcasses (as at mid-June) were around 8pc higher in value than equivalent carcass prices in the EU when measured in Euros, 17pc higher than the US, around 25pc higher than South American prices, and 28pc higher than New Zealand.

The sharp rise in prices plotted for Uruguay (orange line) in the graph back in late 2019-early 2020 is linked more to currency movement against the Euro, rather than movement in carcass value.

Proyecciones para la próxima primavera: positivas aunque con sobresaltos

29 July 2021 Key points:

Australia's cattle herd will rebuild quickly, reaching 26m head this year

2021 slaughter has been revised down to 6.3m head

Carcass weights have been adjusted up to 311.7kg/head to reflect the abundance of grass, and increased proportion of grainfed slaughter.

Cattle producers are expected to experience the best spring in recent memory, according to Meat & Livestock Australia's (MLA) latest Australian Cattle Industry Projections.

MLA's Market Information Manager, Stephen Bignell, said the outlook was encouraging with a positive spring expected for many eastern states' producers.

"With a favourable three-month weather outlook signalling a strong spring, average adult carcass weights are set to rise significantly leading to higher weight gain," Mr Bignell said.

"Carcass weights have been revised 11kg higher to average 311.7kg and slaughter will remain depressed, with the 2021 volume expected to hit 6.3 million head.

"On the back of improved carcass weights, production has been revised higher despite slaughter declining. Total production is being forecast to 1.96 million tonnes cwt, highlighting Australia's ability to maximise beef output despite low supply."

Mr Bignell said the national herd is estimated to reach 26 million head this year, 5% above 2020 levels.



“Currently there is an abundance of feed which is encouraging stock retention. This tight supply is being reflected in lower saleyard throughput, reinforcing that the national herd rebuild is well underway,” Mr Bignell said.

“Slaughter is forecast to drop this year on the back of the national herd rebuild as producers retain more stock however it is expected to pick up slightly toward the end of the year as more cattle come off feed.”

In relation to prices, rain events remain the key indicator of market performance.

“The industry EYCI price predictor has the EYCI sitting at 874c/kg at the end of 2021,” Mr Bignell said.

“In line with the astronomical lift in young cattle prices seen last week, the National Medium Cow Indicator has risen 40c year-on-year, or 13%, to sit at 308c, with the National Heavy Steer Indicator up 100c, or 16%, to sit at 412c/kg lwt.”

Mr Bignell said globally, as economies continue to recover from COVID-19, demand for Australian beef should also improve.

“COVID-19 continues to disrupt beef trade and sales in many Asia-Pacific nations, however economic growth rates are forecast to gradually lift, maintained by improved vaccination rates in developed markets and improved consumer sentiment supporting beef consumption and import demand,” Mr Bignell said.

Mejoran los márgenes pero todavía “en rojo”

Jon Condon, 27/07/2021 THERE'S been a moderate improvement in beef processor profitability on cattle slaughter this month, but it remains a long way from 'black ink'.

The monthly processor margin calculated by Thomas Elder Markets' Matt Dalgleish recorded an average loss per head of cattle processed last month of \$253.

The average annual beef processor margin for the 2021 season currently sits at a loss of \$305 per head of cattle processed, the calculation shows

Improving international beef demand in some markets and a softer Australian dollar are helping ease some of the record losses being racked up by processors.

Prior to the current cycle, beef processor margins only rarely dipped below negative \$200 per beast, but the 2020-21 post-drought cycle is no ordinary beast. Losses have sat at greater than \$300 head for the five months prior to June, easily the worst recorded in this data series stretching back to 2000.

At the depths of the 2016-17 slaughter cattle shortage period, losses only briefly dipped below \$200 a head (

Domestic cattle prices continued to advance from May to June, lifting input costs for processors. However, beef export prices over the same time frame rallied by a greater magnitude, which allowed processors to retain a bit more margin, TEM's most recent calculation showed.

The improved margin in June and a revised May figure (\$283, down from an earlier estimate of \$306) means that the average annual beef processor margin for the 2021 season currently sits at a loss of \$305 per head of cattle processed.

TEM's beef processor margin model is a tool that estimates the average theoretical monthly margin faced by a representative processor, which gives an approximate guide to how margins in the sector are faring based on key cost and revenue inputs to the model.

Measuring the TEM monthly processor margin as a proportion of the national heavy steer prices (on a carcase weight basis) demonstrates that over the last two decades margins have averaged about 11pc of the respective heavy steer price, with normal fluctuations between a loss of 15pc to a profit of 40pc of the heavy steer price.

Historical movements highlight that processor margins would be considered at extreme levels when losses are beyond 40pc of the heavy steer price or when profits are more than 65pc of the heavy steer price.

The improvement in processor margins over the last two months has seen the margin, as a proportion of the heavy steer price, moving back into a region that is not considered extreme, with it currently registering a loss that is 35pc of the current heavy steer price.

Some cow grids push higher

In the direct consignment slaughter cattle market this week, some processor grids continue to press into uncharted waters.

One company operating in the southern Queensland region has lifted heavy cow slaughter grids this week another 15c/kg, hitting a blistering 655c/kg. Other competitors have not yet responded, leaving their heavy grid offers at 625-640c/kg when this report was compiled this morning.

Heavy four-tooth export type steers are at 695-700c/kg, with offers on HGP free cattle as high as 710c. Central Queensland plants are 10c/kg behind those figures.

Cattle slaughter rates continued to struggle under the mid-winter cycle last week, with the national kill reaching just 100,916 head. That was up less than 3000 on the week before, and a colossal 48pc below where it sat this time back in 2019.



Queensland's kill rose a little last week, reaching 50,612 head, about 9pc behind this time last year, while NSW lifted about 5pc to 27,760 head. Further south, Victoria processed 12,470 for the week ended Friday; South Australia 7126 head; Tasmania 2948; and Western Australia 2948.

MLA dispone de un presupuesto de 1.52 AUS\$ para explorar nuevos mercados

Guest Author, 26/07/2021

The Australian government has invested \$72.7 million through its AgriBusiness Expansion Initiative to help Australia's agricultural, forestry and fisheries industries diversify and expand export markets.

Australian livestock production is forecast to be valued at \$22.9 billion in 2020-21.

Australian meat and livestock exports are forecast to be worth \$13.1 billion in 2020-21.

Meat and Livestock Australia has been awarded \$1.52 million to assist with exploring new export channels in overseas markets.

The funding will help the industry to focus their exports efforts in new and emerging markets including Thailand, Vietnam and Saudi Arabia.

Meat and Livestock Australia (MLA) will use a \$1.52 million Australian Government investment to explore market diversification opportunities within untapped segments of three export markets.

Minister for Agriculture and Northern Australia David Littleproud said the grant would help increase market expansion and diversification for Australian exporters.

"Through this grant funding, MLA will explore new export channels in Saudi Arabia, Thailand and Vietnam," Minister Littleproud said.

"New business development specialists will work on improving trade flows for Australian beef, sheep meat and goatmeat to build new business opportunities in in trade, retail and foodservice sectors.

"By stationing business development specialists in these target markets, MLA will be well positioned to work with Australia's government agencies including our Agriculture Counsellors.

"As we've learnt from COVID-19, access to a diverse range of markets critical to our exporters.

"This grant will help to improve Australia's product spread, we are future-proofing our industries against significant market shocks."

General Manager of International Markets MLA, Andrew Cox, said the grants were an opportunity to expand exports into markets with strong development opportunities.

"Australia has recently negotiated improved access to these markets, and it's important to build stronger relationships with our important trading partners," Mr Cox said.

"We're grateful for the opportunity to smooth the path ahead for the Australian red meat industry."

Source: Minister for Agriculture, Water and Environment

VARIOS

CHILE: fuerte crecimiento de importaciones cárnicas en el primer semestre

29/07/2021 GANADERÍA

De acuerdo con los datos de la Odepa, Chile sigue incrementando su dependencia de las importaciones cárnicas. En su informe mensual, el organismo gubernamental mostró cómo de enero a mayo la producción de carne vacuna ha bajado en un 2,3% lo que supuso llegar a 90.161 toneladas. En el caso del porcino, el comportamiento ha sido positivo con una subida del 1,9% hasta las 239.467 toneladas, mientras que en la carne aviar se registró una caída del 6,7% hasta situarse en 303.433 toneladas. Los datos relativos a las importaciones chilenas muestran la necesidad de importar para cubrir la demanda nacional. Así, en carne vacuna el país sudamericano ha importado 126.929 toneladas, 41,4% más que durante el primer semestre de 2020. La suba más destacada fue en la carne de cerdo que llegó a las 73.555 toneladas, 73,5% más, y en carne de aves creció 50,9% hasta 76.939 toneladas. Frente a esto, la evolución de las exportaciones chilenas ha sido muy escasa con fuertes bajas para la carne bovina (apenas 8.351 toneladas exportadas en el primer semestre de 2021, 30,5% menos que en 2020) y una subida del 4,6% para la porcina alcanzando las 141.872 t. En aves bajó 8,9% a 70.454 toneladas, consignó Eurocarne.

INDIA respondió denuncia de CAMBOYA sobre carne infectada de COVID-19

MUMBAI, July 28 (Reuters) - India on Wednesday contested Cambodia's claims that Indian buffalo meat was infected with COVID-19, saying it exports the meat only after getting COVID-free certification.

Cambodia earlier this week said three out of five containers of frozen buffalo meat imported from India tested positive for coronavirus.

India's Agricultural and Processed Food Products Export Development Authority (APEDA), which comes under the Ministry of Commerce & Industries, said: "All the consignments of Indian buffalo meat are tested in accordance with international standards and sent only after COVID-19-free certification."



India, the world's biggest exporter of buffalo meat, was hit by second wave of coronavirus, but new infections have fallen sharply in the last two months. [read more](#)

"We export buffalo meat to more than 60 countries by strictly following quality parameters. We haven't received any complaint from any country so far," Fauzan Alavi, vice president the All India Meat & Livestock Exporters Association, told Reuters. "We are very sure about the quality of the product."

Indian buffalo meat exports in the June quarter rose 112% from a year ago to \$1 billion, the APEDA said.

Reporting by Rajendra Jadhav and Neha Arora; Editing by Steve Orlofsky

REPÚBLICA DOMINICANA confirman la detección de peste porcina africana

29/07/2021 El Laboratorio de Diagnóstico de Enfermedades de Animales Extranjeros del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos (USDA) ha confirmado la presencia peste porcina africana (PPA) en muestras recolectadas de cerdos en la República Dominicana a través de un programa de vigilancia cooperativa existente.

Según ha informado el Ministerio de Agricultura dominicano, los resultados de las 389 muestras pertenecientes a cerdos criados en granjas y a los de crianza de traspatio enviadas al laboratorio AL Centro de Enfermedad Animal Plum Island, de los Estados Unidos, indican la presencia en de la fiebre porcina africana en una reducida población de cerdos de crianza en traspatio de las provincias Sánchez Ramírez y Montecristi.

El Ministerio de Agricultura, a través de la Dirección de Sanidad Animal, ha dispuesto las siguientes medidas de carácter preventivo:

Prohibición de la movilización de cerdos vivos y matados desde y hacia las provincias Sánchez Ramírez y Montecristi.

Poner en cuarentena a ambas provincias.

La limpieza y desinfección de los lugares afectados con brigadas del Ministerio de Agricultura.

Levantamientos epidemiológicos periódicos en las provincias afectadas.

Control militar total en todos los puntos estratégicos de ambas provincias.

Campaña promocional para informar la prohibición de la movilización de cerdos vivos y matados.

En la provincia Sánchez Ramírez existe una población de quince mil cerdos, mientras que la de Montecristi es de unos cuatro mil seiscientos cerdos aproximadamente.

Se trata de una proporción muy pequeña comparada con la población total de cerdos del país que se estima entre un millón y medio y un millón ochocientos mil cerdos.

Las autoridades del sector agropecuario aseguran que esta enfermedad no es transmisible a los humanos, por consiguiente, indican que se puede continuar consumiendo sin riesgo carne de cerdo en todo el territorio nacional.

En los últimos años han surgido brotes importantes de fiebre porcina africana en más de sesenta países de casi todos los continentes.

En este sentido, el ministro de Agricultura Limber Cruz informa que dispuso la activación del Comité Nacional de Emergencia de Enfermedades Exóticas de Animales Domésticos, con el fin de asegurar que todas las instituciones del sector agropecuario operen de manera coordinada para garantizar la producción nacional de cerdos.

El Gobierno asegura los recursos necesarios para compensar y apoyar a las familias dedicadas a la crianza de traspatio y en granjas.

EMPRESARIAS

Marfrig adopta blockchain para garantizar que no compra ganado vacuno de áreas deforestadas

27/07/2021 - El proyecto ya se encuentra en la fase de implementación y próximamente se invitará a socios.

Marfrig va a aplicar la tecnología blockchain para conectarse con todos sus proveedores directos e indirectos con más seguridad y transparencia. La adopción del sistema Conecta es parte del plan Marfrig Verde +, lanzado en julio de 2020, con el objetivo de asegurar que el 100% de la cadena productiva de la empresa sea sostenible y libre de deforestación para 2030, combinando producción, conservación y rentabilidad.

Con acceso simplificado, Conecta fue diseñado en asociación con Safe Trace, CPQD, TNC y Amigos da Terra para los socios de Marfrig. El productor recibe una invitación para descargar la aplicación y registrarse, y luego puede incluir datos de sus propiedades y rebaños, como certificados de nacimiento, sacrificio y vacunación animal, además de invitar a sus proveedores y registrar compras, ventas y otras operaciones. Las certificaciones sociales y medioambientales necesarias para permitir el suministro a Marfrig también se almacenarán en la plataforma.



Según el director de sostenibilidad y comunicación de Marfrig, Paulo Pianez, el proyecto ya se encuentra en la fase de implementación y próximamente se invitará a socios. “El objetivo es establecer una herramienta robusta que sea el principal aliado en el día a día de nuestros socios, aportando más eficiencia y rentabilidad. A través de Conecta, además de brindar información relevante para el suministro a Marfrig, los productores tendrán acceso a una mejor gestión de su negocio, incluyendo datos sobre la productividad de propiedades y rebaños”, destaca Pianez.

La plataforma Conecta también es importante para aplicar uno de los diferenciales del plan Marfrig Verde +, el principio producción-conservación-inclusión. Según Paulo Pianez es una premisa básica. “Queremos incluir a los productores cuyas propiedades tienen temas destacados a través de la asesoría y tecnificación, brindándoles apoyo para regularizar su actividad”, aclara el director de sustentabilidad de Marfrig.

La iniciativa también crea una red positiva que impregna la cadena para llegar a los eslabones previos al engorde. Una vez registrados, los proveedores directos de Marfrig pueden invitar a sus propios proveedores, que se incluirán sucesivamente en la base, y luego las decisiones de compra se llevarán a cabo.

La plataforma Conecta se divide en dos herramientas: Conecta Mobile, una aplicación móvil donde los agricultores pueden administrar sus propiedades en la palma de su mano, y Conecta Web, un sitio donde el productor, Marfrig y los socios elegidos por el productor consultan los datos enviados. certificado y puede ayudar al productor a resolver cualquier problema pendiente.

Marfrig afirmó que prevén una expansión en PARAGUAY

26/07/2021 El director de Operaciones para América del Sur de Marfrig Global Foods, Artemio Listoni, conversó con Valor Agro sobre la inversión de 100 millones de dólares que realizará la multinacional de origen brasileño para la construcción del frigorífico más moderno de Sudamérica. Además confirmó que la decisión es la primera acción dentro de una estrategia de expansión con más frigoríficos. También indicó que el país cuenta con un sistema de salud animal muy consistente que permite y da seguridad para hacer esta inversión. ¿Por qué la decisión de invertir en una planta frigorífica en Paraguay y por qué se va a ubicar en Concepción? Marfrig tiene una fuerte presencia en América del Sur y no puede quedarse fuera de Paraguay, que es un país importante y con un rebaño significativo. Inicialmente buscamos comprar una unidad, no identificamos esta opción y decidimos construir una planta. Tener una unidad en el departamento de Concepción es estar en una región con un número relevante de animales, hay cerca de 4 millones de cabezas distribuidas en los departamentos vecinos. Otro factor importante para la toma de decisiones fue el desarrollo de la agricultura en la región, que hará viable la actividad de confinamiento de ganado; práctica que, además de optimizar la actividad agrícola, ayudará a complementar la oferta de animales entre cosechas. Hace unos días se confirmó que sería la planta más moderna de Sudamérica, ¿qué características tiene? Como estamos construyendo una unidad completa, no hay nada más natural que contar con las mejores técnicas de construcción y utilizar los equipos más modernos, especialmente los relacionados con el frío, área vital de una industria de refrigeración. ¿A partir de qué fecha se estima comenzará a operar en el país y cuál sería la capacidad operativa estimada por día? Todavía estamos en los estudios finales del diseño de la planta. Dentro de la estrategia de la empresa en el país, ¿proyecta con una expansión con más frigoríficos? Sin duda. Naturalmente actuamos para crecer siempre, en Paraguay o en cualquier otro país. ¿Qué importancia tuvo el rol del Ejecutivo paraguayo y el apoyo sanitario del país para determinar la inversión? Estamos dialogando y/o negociando con el gobierno municipal, departamental y nacional algunos beneficios que consideramos imprescindibles para viabilizar la inversión. Después de esta confirmación, comenzaremos efectivamente la construcción del frigorífico. En el tema de salud, Paraguay tiene derecho a los mercados más importantes, como Chile, Europa y Rusia, entre otros. Tiene un sistema de salud muy consistente que nos permite y nos da seguridad para hacer esta inversión. ¿Cómo ve a Paraguay como proveedor de carne vacuna en el mundo? Paraguay es un importante proveedor de carne vacuna al mundo. También vemos una buena oportunidad para desarrollar el mercado interno. El consumo de carne vacuna en el país aún es bajo y tenemos una gran brecha de crecimiento a considerar. Paralelamente a la inversión de Marfrig, se está construyendo otro frigorífico de gran tamaño, ¿considera que Paraguay tiene un stock de bovinos suficiente para un 20 a 30% más de demanda industrial? El rebaño paraguayo es de aproximadamente 14.000.000 cabezas, con un disfrute relativamente bajo. Los productores son conscientes de la necesidad de mejorar sus rebaños, sin duda tenemos la oportunidad de crecer 30% en productividad con relativa facilidad, a través de mejoramiento zootécnico, alimentación y manejo; algo que ya está sucediendo. ¿Quién liderará la empresa en Paraguay? Durante la fase de construcción, la responsabilidad recae en Brasil. Después de la construcción, el equipo se definirá, tendrá independencia de gestión y reportará a la división Sudamérica de Marfrig



Carrefour trazabilidade desde el nacimiento

Fonte: Valor Econômico. 29 de julho de 2021. Maior comprador de carne bovina do Brasil, o Carrefour colocará à venda nesta quinta-feira os primeiros lotes da proteína rastreada desde o nascimento do bezerro. O produto faz parte da linha Sabor & Qualidade, fruto de uma parceria da varejista com a Iniciativa para o Comércio Sustentável (IDH).

O projeto começou efetivamente no segundo semestre de 2018. Naquele momento, Carrefour e IDH selecionaram 450 produtores de bezerro de Mato Grosso com propriedades de, no máximo, 300 hectares. A carne que começa a ser vendida agora é a dos animais que nasceram no início do projeto, que já recebeu € 3,5 milhões em investimentos.

Nessa primeira etapa de comercialização, os itens da linha Sabor & Qualidade estarão disponíveis na loja da rede no Shopping Interlagos, na zona sul de São Paulo. Os produtos têm QR Codes em suas embalagens que informam o nome e geolocalização da fazenda que originou o bezerro e sua Guia de Trânsito Animal (GTA), que mostra o caminho do animal até o abate.

Cerca de 6 mil bovinos já foram abatidos no âmbito da iniciativa. “Começamos com algo de nicho para depois criar escala”, disse Lucio Vicente, diretor de Assuntos Corporativos e Sustentabilidade do Grupo Carrefour Brasil, ao Valor.

Segundo ele, a varejista pretende atender às necessidades de um consumidor cada vez mais preocupado com a origem de seu alimento. “Fizemos questão de que esse produto entrasse em uma linha de marca da empresa focada em qualidade”, afirma.

De acordo com a diretora executiva do IDH Brasil, Daniela Mariuzzo, o projeto deu prioridade a pequenos criadores para incluir esses produtores nas discussões sobre sustentabilidade e ajudá-los na regularização da produção.

Com a iniciativa, Carrefour e IDH oferecerão capacitação e treinamento especializado. Os pecuaristas participantes recebem assistência técnica para assuntos agrônômicos, ambientais e fundiários. Os envolvidos no projeto frisam que, apesar de a carne vendida neste momento ter sido abatida em parceria com a Marfrig, os pecuaristas são livres para escolher a quais frigoríficos venderão o gado.

O Carrefour e o IDH Brasil já estão elaborando o próximo passo da iniciativa, que consistirá em um protocolo nacional com procedimentos e processos que garantam as boas práticas socioambientais desde o nascimento do bezerro.

No Brasil, o Carrefour integra diferentes iniciativas voltadas à sustentabilidade da carne. Desde 2007, a empresa faz parte Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), que reúne diversos setores da cadeia da carne. Três anos depois, o grupo assumiu o compromisso global pelo desmatamento zero para soja, carne, óleo de palma e madeira, suas principais cadeias de abastecimento.

Em 2017, a varejista passou a fazer parte também do Grupo de Trabalho dos Fornecedores Indiretos (GTFI). Nele, integrantes da cadeia discutem ações de rastreabilidade, monitoramento e transparência da pecuária no país.